

OS SETE PRINCÍPIOS DO HOMEM

Annie Besant

1909

Edição revista e corrigida

Pesquisadores atraídos para Teosofia por sua doutrina central de fraternidade entre os homens, e pelas esperanças que ela traz de conhecimento mais amplo e de crescimento espiritual, podem ser repelidos quando fazem sua primeira tentativa de entrar mais em contato com ela, por causa dos - para eles - nomes estranhos e embaralhantes que fluem facilmente dos lábios de Teosofistas reunidos em conferência.

Eles ouvem um emaranhado de Âtmâ-Buddhi, Kâma-Manas, Tríade, Devachan, e sabe-se lá o que mais, e sentem de imediato que para eles a Teosofia é um estudo por demais abstruso. Mas poderiam ter-se tornado Teosofistas muito bons, não tivesse seu entusiasmo inicial sido esfriado com a ducha dos termos Sânscritos. Neste Manual o confuso emaranhado será tratado com mais moderação, e só poucos nomes Sânscritos serão colocados diante do pesquisador.

De fato, o uso destes termos se tornou geral entre os Teosofistas porque a língua portuguesa não tem equivalentes para eles, e uma frase longa e obscura tem de ser usada em seu lugar para a idéia ser transmitida integralmente. O problema inicial de se aprender estes nomes tem sido preferido do que o problema contínuo de usar-se frases descritivas aproximativas - "Kama", por exemplo, sendo mais curto e mais preciso do que "parte passional e emocional de nossa natureza".

De acordo com o ensino Teosófico o homem é um ser sétuplo, ou, na terminologia usual, tem uma constituição setenária. Colocando de outra forma, a natureza do homem tem sete aspectos, pode ser estudada de sete diferentes pontos de vista, é composta de sete princípios. O modo melhor e mais claro de todos pelo qual imaginar o homem é considerá-lo como uno, o Espírito ou Eu [*Self*, no original - NT] Verdadeiro; este pertence à mais alta região do universo, e é universal, é o mesmo para todos; é um raio de Deus, uma centelha do fogo divino. Isto vai se tornar um indivíduo, refletindo a perfeição divina, um filho que cresce à semelhança de seu pai.

Para este propósito o Espírito, ou Eu Verdadeiro, veste-se com roupa após roupa, cada uma pertencendo a uma região definida do universo, e capacitando o Eu para entrar em contato com aquela região, ganhar conhecimento dela, e trabalhar nela. Assim ele ganha experiência, e todas as suas potencialidades latentes são gradualmente transformadas em poderes ativos. Estas roupagens, ou invólucros, são distinguíveis umas das outras tanto teórica como praticamente.

Se um homem for observado pela clarividência, cada uma é distinguível ao olhar, e são separáveis entre si durante a vida física ou na morte, de acordo com a natureza de cada invólucro particular. Quaisquer palavras que possam ser usadas, o fato permanece o mesmo - de que ele é essencialmente sétuplo, um ser em evolução, parte de cuja natureza já se manifestou, parte permanecendo latente no presente, até onde concerne à vasta maioria da humanidade. A consciência do homem é capaz de funcionar através de tantos destes aspectos quantos tiverem nele já evoluído até a atividade.

Esta evolução, durante o presente ciclo do desenvolvimento humano, tem lugar em cinco dentre sete dos planos da natureza. Os dois planos superiores – o sexto e o sétimo – exceto nos casos mais excepcionais, não serão atingidos por homens desta humanidade neste ciclo atual, e podem ser portanto deixados de lado para nosso objetivo presente.

Entretanto, como tem surgido alguma confusão sobre os sete planos por causa da diferença de nomenclatura, são dados dois diagramas no final deste tratado, mostrando os sete planos como eles existem em nossa divisão do universo, em correspondência com os planos mais vastos do universo como um todo, e também a subdivisão dos cinco em sete, como são representados em parte de nossa literatura.

Um “plano” é meramente uma condição, um estágio, um estado; de modo que poderíamos descrever o homem como disposto pela sua natureza, quando esta natureza está plenamente desenvolvida, para existir conscientemente em sete diferentes condições, ou sete diferentes estágios, em sete diferentes estados; ou tecnicamente, em sete diferentes planos de existência.

Tomando um exemplo facilmente verificável: um homem pode ser consciente no plano físico, isto é, em seu corpo físico, sentindo fome e sede, e a dor de um golpe ou corte. Mas deixemos o homem ser um soldado no coração da batalha, e sua consciência estará centrada em suas paixões e emoções, e ele pode sofrer um ferimento sem perceber, sua consciência estando fora do plano físico e agindo no plano das paixões e emoções: quando passa a excitação, a consciência voltará ao físico, e ele “sentirá” a dor de seu ferimento.

Deixemos o homem ser um filósofo, e enquanto ele ponderar sobre algum intrincado problema ele perderá toda a consciência das necessidades de seu corpo, das emoções, do amor ou do ódio; sua consciência passará ao plano do intelecto, estará “abstraido”, isto é, afastado das considerações pertinentes à sua vida corporal, e fixo no plano do pensamento.

Assim um homem pode viver nestes diversos planos, nestas diversas condições, sendo uma ou outra parte de sua natureza posta em atividade em cada momento dado; e um entendimento do que é o homem, de sua natureza, seus poderes, suas possibilidades, será alcançado mais facilmente e assimilado de maneira mais útil se ele for estudado ao longo destas linhas claramente definidas, do que se ele for deixado sem análise, um mero feixe confuso de qualidades e estados.

Também tem sido considerado conveniente, a respeito da vida mortal e imortal do homem, reunir estes sete princípios em dois grupos – um contendo os três princípios superiores e portanto chamado de Tríade, o outro contendo os quatro inferiores, destarte chamado Quaternário. A Tríade é a parte imortal da natureza humana, o “espírito” e alma da terminologia Cristã; o Quaternário é a parte mortal, o “corpo”, do Cristianismo.

Esta divisão em corpo, alma e espírito é usada por São Paulo, e é aceita em toda a cuidadosa filosofia Cristã, embora geralmente ignorada pela massa do povo Cristão. No linguajar comum, alma e corpo constituem o homem, e as palavras espírito e alma são usadas intercambiavelmente, com muita confusão de pensamento como resultado.

Esta vagueza é fatal para qualquer visão clara sobre a constituição do homem, e o Teósofo pode bem apelar para o filósofo Cristão contra o Cristão casual não-pensador se for acusado de estar fazendo distinções difíceis de entender. Nenhuma filosofia

digna do nome pode ser apresentada mesmo em sua feição mais elementar sem fazer alguma demanda à inteligência e à atenção do eventual aprendiz, e cuidado no uso dos termos é uma condição para todo o conhecimento.

PRINCÍPIO I

O Corpo Físico Denso

O corpo físico denso do homem é chamado o primeiro de seus sete princípios, já que certamente é o mais óbvio. Construído de moléculas materiais, no sentido geralmente aceito do termo – com seus cinco órgãos sensoriais – os cinco sentidos – seus órgãos de locomoção, seu cérebro e sistema nervoso, seu aparato para desempenhar as várias funções necessárias para a continuidade de sua existência, há pouco a ser dito sobre este corpo físico em um esboço tão breve como este sobre a constituição do homem.

A ciência ocidental está quase pronta para aceitar a visão Teosófica de que o organismo humano consiste de inumeráveis “vidas”, que constituem as células. H.P.Blavatsky diz sobre isto: “A ciência ainda não foi longe o bastante para concordar com a doutrina Oculta que nossos corpos, assim como os dos animais, plantas e pedras, são também constituídos de tais seres (bactérias, etc): os quais, com exceção das espécies maiores, nenhum microscópio pode detectar...”

Sendo os constituintes físicos e químicos idênticos em todos os seres, a ciência química pode bem dizer que não existe diferença alguma entre a matéria que compõe o touro e a que forma o homem. Mas a doutrina Oculta é muito mais explícita: Não só os componentes químicos são os mesmos, mas as mesmas vidas infinitesimais invisíveis compõe os átomos dos corpos da montanha e da margarida, do homem e da formiga, do elefante e da árvore que o protege do sol. Cada partícula – seja chamada orgânica ou inorgânica – é uma vida.

Cada átomo e molécula no universo dá tanto a vida como a morte a estas formas (*Doutrina Secreta*, vol. I, p. 281 [as páginas de referência dizem respeito à edição inglesa – NT]). Os micróbios (do grego, literalmente: *pequenas vidas* – NT) assim “perfazem o corpo material e suas células”, sob a energia construtiva da vitalidade – uma frase que será explicada quando chegarmos a tratar da “vida”, como o Terceiro Princípio, e com estes micróbios como parte dela. Quando a “vida” já não é suprida, os micróbios “são deixados agir livremente como agentes destruidores”, e eles decompõem e desintegram as células que construíram, e então o corpo de desfaz.

A consciência puramente física é a consciência das células e das moléculas. A ação seletiva das células, extraindo do sangue o que precisam, rejeitando o que não precisam, é um exemplo de sua autoconsciência. O processo continua sem a ajuda de nossa consciência ou volição. Assim o que é pelos fisiologistas chamado de memória inconsciente é a memória da consciência física, na verdade inconsciente para nós, até que tenhamos aprendido a transferir nossa consciência cerebral para lá.

O que sentimos não é o que as células sentem. A dor de um ferimento é sentida pela consciência cerebral, agindo, como dissemos, no plano físico; mas a consciência da molécula, assim como a do agregado de moléculas que chamamos células, leva-as celeremente a reparar os tecidos danificados – ações de que o cérebro é inconsciente – e sua memória as faz repetir a mesma ação repetidas vezes, mesmo quando já se tornou desnecessária.

Daí as cicatrizes nos cortes, quelóides, calosidades, etc. O estudante pode encontrar muitos detalhes sobre este assunto em tratados de fisiologia. A morte do corpo físico denso ocorre quando a retirada da energia vital controladora deixa os micróbios seguirem seu próprio rumo, e as muitas vidas, já não mais coordenadas, separam-se e fragmentam as partículas das células do “homem de barro”, e o que chamamos decomposição se apresenta.

O corpo se torna um torvelinho de vidas sem controle, sem regulação, e sua forma, que resultava de sua correlação, é destruída pela exuberante energia das suas vidas individuais. A morte é só um aspecto da vida, e a destruição de uma forma material é apenas um prelúdio para a construção de outra.

PRINCÍPIO II

O Duplo Etérico

Linga-Sharira, corpo astral, corpo etérico, corpo fluídico, duplo, fantasma, *doppelganger*, homem astral – estes são alguns dos muitos nomes que têm sido dados ao segundo princípio na constituição do homem. O melhor nome é Duplo Etérico, porque este termo designa somente o segundo princípio, sugerindo sua constituição e aparência: enquanto que os outros nomes têm sido usados algo genericamente para descrever corpos formados de matéria um pouco mais sutil do que a que afeta nossos sentidos físicos, sem considerarmos a questão de se outros princípios estão ou não envolvidos em sua construção. Doravante usarei apenas este nome.

O duplo etérico é formado de matéria mais rarefeita ou mais sutil do que a que é perceptível pelos nossos cinco sentidos, mas ainda é matéria pertencendo ao plano físico, ao qual seu funcionamento é restrito. É o estado da matéria que está logo depois de nossos “sólido, líquido e gasoso”, que formam as porções densas do plano físico.

Este duplo etérico é a duplicata ou contraparte exata de nosso corpo físico denso ao qual pertence, e é separável dele, embora incapaz de ir muito longe. Em seres humanos normalmente saudáveis a separação é difícil, mas em pessoas conhecidas como médiuns físicos ou materializadores, o duplo etérico desliza para fora sem qualquer grande esforço. Quando separado do corpo denso ele é visível para o clarividente como uma réplica exata, unida a ele por um fio delgado.

Tão estreita é a união física entre os dois que um ferimento infligido ao duplo etérico aparecerá como uma lesão no corpo denso, um fato conhecido sob o nome de repercussão. A. d’Assier, em seu trabalho bem conhecido, traduzido para o inglês pelo Coronel Olcott, o Presidente-Fundador da Sociedade Teosófica, sob o título *Posthumous Humanity* – apresenta vários casos (vide pp. 51-57) nos quais a repercussão teve lugar.

A separação do duplo etérico do corpo denso geralmente é acompanhada de um considerável decréscimo na vitalidade do último, ficando o duplo mais vitalizado à medida que a energia no corpo denso diminui. Diz o Cel. Olcott (p. 63):

“Quando o duplo etérico é projetado por um perito treinado, até o corpo parece entorpecido, e a mente fica em um estado de estupor [*brown study*, no original – NT]; os olhos não têm expressão de vida, o coração e os pulmões atuam fracamente, e muitas vezes a temperatura cai bastante. É muito perigoso fazer qualquer ruído ou pancada repentinos na

sala, em tais circunstâncias; pois o duplo, sendo por reação instantânea trazido de volta ao corpo, faz o coração contrair-se convulsivamente, e a morte pode mesmo ser causada”.

No caso de Emilie Sagée (citado nas pp. 62-65), percebeu-se que a menina parecia pálida e exausta quando o duplo era visível: “quanto mais nítido o duplo e mais material a aparência, a pessoa realmente material estava efetivamente enfraquecida, sofrendo e lânguida; quando ao contrário, a aparência do duplo enfraquecia, a paciente era vista recuperar a força”.

Esta fenômeno é perfeitamente compreensível para o estudante Teosófico, que sabe que o duplo etérico é o veículo do princípio vital, ou vitalidade, no corpo físico, e que sua saída parcial deve portanto diminuir a energia que com este princípio atua nas moléculas mais densas.

Os clarividentes, como a Vidente de Prévorst, dizem que podem ver o braço ou perna etéricos ligados a um corpo de onde o membro denso foi amputado, e d’Assier assinala a este respeito:

“quando eu estava absorvido nos estudos fisiológicos, freqüentemente era atraído por um fato singular. Às vezes acontece de uma pessoa que perdeu um braço ou perna experimentarem certas sensações nas extremidades dos dedos. Os fisiologistas explicam esta anomalia postulando haver no paciente uma inversão de sensibilidade ou de lembrança, que os faz localizar na mão ou no pé a sensação com que somente o nervo do coto é afetado... Confesso que estas explicações me pareciam artificiosas e jamais me satisfizeram. Quando estudei o problema do duplo do homem, a questão das amputações recorreu à minha mente, e me perguntei se não seria mais simples e lógico atribuir a anomalia de que falei à duplicata do corpo humano, que por sua natureza fluida pode escapar à amputação” (loc. cit., pp. 103-104).

O duplo etérico desempenha um grande papel nos fenômenos espíritas. Novamente aqui o clarividente pode nos ajudar. Um clarividente pode ver o duplo etérico escapando pelo lado esquerdo do médium, e é isso o que aparece amiúde como um “espírito materializado”, facilmente moldado em várias formas pelas correntes de pensamento dos presentes, e ganhando força e vitalidade à medida que o médium mergulha em transe mais profundo. A condessa Wachtmeister, que é clarividente, diz que tem visto o mesmo “espírito” reconhecido como o de um parente próximo ou amigo por diferentes assistentes, cada qual vendo-o de acordo com suas expectativas, enquanto que aos seus olhos era o mero duplo do médium.

Então de novo H.P. Blavatsky me disse que quando estava na fazenda de Eddy, observando a notável série de fenômenos lá produzidos, ela deliberadamente moldou o “espírito” que aparecia à semelhança de pessoas conhecidas dela e de ninguém mais presente, e os outros viram as formas que ela produziu pelo poder de sua própria vontade, moldando a plástica matéria do duplo do médium.

Muitos dos movimentos de objetos que ocorrem em tais sessões, e em outras ocasiões, sem contato visível, são devidos à ação do duplo etérico, e o estudante pode aprender como produzir tais fenômenos à vontade. São bastante comuns: a mera projeção da mão etérica não é mais importante do que a projeção da contraparte densa, e nem mais ou menos miraculosa. Algumas pessoas produzem estes fenômenos inconscientemente, simples derrubamento fortuito de objetos, produção de ruídos, e assim por diante: eles não têm controle sobre seus duplos etéricos, e eles apenas pairam em sua vizinhança próxima, como um bebê tentando caminhar.

Pois o duplo etérico, como o corpo denso, possui somente uma consciência difusa pertencente às suas partes, e não dispõe de nenhuma mentalidade. Tampouco serve como veículo de mentalidade, quando desvinculado de sua contraparte densa.

Isto nos conduz a um ponto interessante. Os centros da sensação estão localizados no quarto princípio, que pode ser dito formar uma ponte entre os órgãos físicos e as percepções mentais; impressões do universo físico agem sobre as moléculas materiais do corpo físico denso, colocando em vibração as células constituintes dos órgãos de sensação, ou nossos “sentidos”.

Estas vibrações, por sua vez, colocam em movimento as moléculas materiais mais rarefeitas do duplo etérico, nos órgãos sensoriais correspondentes de sua matéria mais fina. Destes, as vibrações passam para o corpo astral, ou quarto princípio, logo a ser considerado, onde estão os centros de sensação correspondentes.

Daí estas sensações são propagadas à ainda mais rarefeita matéria do plano mental inferior, de onde são refletidas de volta até, chegando às moléculas materiais dos hemisférios cerebrais, se tornarem nossa “consciência cerebral”. Esta sucessão inter-relacionada e inconsciente é necessária para a atuação normal da consciência como a conhecemos.

No sono ou no transe, natural ou induzido, os dois primeiros e o último estágios geralmente são omitidos, e as impressões iniciam no e voltam ao plano astral, e assim não deixam qualquer traço na memória cerebral; mas o psíquico natural ou treinado, o clarividente que não precisa de transe para o exercício de seus poderes, é capaz de transferir sua consciência do plano físico para o astral sem perda de continuidade, e pode impressionar a memória cerebral com o conhecimento obtido no plano astral, retendo-o assim para uso.

A morte significa para o duplo etérico exatamente o mesmo que para o corpo físico denso: a ruptura de suas partes constituintes, a dissipação de suas moléculas. O veículo da vitalidade, que anima o organismo corpóreo como um todo, escapa do corpo quando chega a hora da morte, e é visto pelo clarividente como uma luz violeta, ou uma forma violeta, pairando sobre a pessoa moribunda, ainda ligado ao corpo físico pela fina linha de que falamos antes. Quando esta linha se rompe, exala-se o último alento, e os presentes murmuram: “morreu”.

O duplo etérico, sendo de matéria física, permanece nas redondezas do cadáver, e é o “espectro”, ou “aparição”, ou “fantasma”, algumas vezes visto no momento da morte e logo após por pessoas perto do local onde a morte ocorreu. Ele desintegra-se lentamente *pari passu* com sua contraparte densa, e seus restos são vistos por sensitivos em cemitérios e campos santos como luzes violeta pairando sobre as tumbas.

Eis uma das razões que tornam a cremação preferível ao enterro como modo de descarte do envelope físico do homem; o fogo dissipa em poucas horas as moléculas que doutra forma ficariam livres somente no lento curso da putrefação gradual, e assim devolve rapidamente aos seus próprios planos os materiais densos e etéricos, prontos para uso mais uma vez na construção de novas formas.

PRINCÍPIO III

Prâna, a Vida

Todos os universos, todos os mundos, todos os homens, todos os brutos, todos os vegetais, todos os minerais, todas as moléculas e átomos, tudo o que existe, está mergulhado em um grande oceano de vida, vida eterna, vida infinita, vida incapaz de aumento ou decréscimo. O universo é apenas vida em manifestação, vida feita objetiva, vida diferenciada.

Mas cada organismo, seja minúsculo como uma molécula ou vasto como um universo, pode ser pensado como se apropriando para si mesmo um pouco da vida, como encarnando em si mesmo como sua própria vida algo desta vida universal.

Imagine uma esponja viva, se expandindo na água que a banha, a cerca, a penetra; existe a água, ainda o oceano, circulando em cada passagem, enchendo cada poro;

mas podemos pensar no oceano fora da esponja, ou na parte do oceano apropriado pela esponja, distinguindo-os em pensamento se quisermos fazer asserções sobre cada um distintamente.

Assim cada organismo é uma esponja banhando-se no oceano da vida universal, e contendo dentro de si um pouco daquele oceano como seu próprio alento vital.

Na Teosofia nós distinguimos esta vida capturada sob o nome de Prâna, alento, e chamamo-lo de o terceiro princípio na constituição do homem. Para falarmos com mais precisão, o “alento da vida” – o que os hebreus denominavam *Nephesh*, ou o alento da vida soprado nas narinas de Adão – não é só Prâna, mas Prâna e o terceiro princípio conjuntos. São estes dois juntos que fazem a “centelha vital” (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 262), e são o “alento de vida no homem, assim como na besta ou no inseto, ou na vida física, material” (*ibid.*, nota da p. 263).

É o “alento da vida animal no homem – o sopro da vida instintiva no animal” (*ibid.*, diagrama no final do texto). Mas neste momento estamos interessados somente no Prâna, na vitalidade como o princípio animante em todos os animais e corpos humanos. Desta vida é veículo o duplo etérico, agindo, a bem dizer, como meio de comunicação, como ponte, entre Prâna e o corpo denso.

O Prâna é explicado na *Doutrina Secreta* como tendo por sua subdivisão mais baixa os micróbios da ciência; estas são as “vidas invisíveis” que constróem as células físicas (vide ant., pp. 8-9); estas são as “incontáveis miríades de vidas” que constróem os “tabernáculos de argila”, os corpos físicos (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 245). “A ciência, vagamente percebendo a verdade, pode encontrar bactérias e outros seres infinitesimais no corpo humano, e ver nelas somente, visitantes ocasionais e anormais a quem as doenças são atribuídas.

“O ocultismo – que discerne uma vida em cada átomo e molécula, seja em um mineral ou no corpo humano, no ar, fogo ou água – afirma que todo nosso corpo é feito de tais vidas; em relação a elas as menores bactérias dos microscópios são, como comparação, como um elefante em relação ao menor dos infusórios” (*ibid.*, p. 245). As “vidas ígneas” são as controladoras e dirigentes destes micróbios, destas vidas invisíveis, e “indiretamente” constróem, isto é, constróem controlando e dirigindo os micróbios, os construtores imediatos, suprimindo-os com o que é necessário, agindo como a vida destas vidas; as “vidas ígneas”, a síntese, a essência do Prâna, são a “energia construtiva vital” que possibilita aos micróbios construírem as células físicas.

Um dos comentários arcaicos resume o assunto em frases sucintas e luminosas: “Os mundos, o profano, são feitos dos elementos conhecidos. Na concepção de um Arhat, estes mesmos elementos são coletivamente uma vida divina; distributivamente, no plano das manifestações, são os inumeráveis e incontáveis crores [um crore = dez milhões] – de vidas.

“Só o fogo é UM, no plano da Realidade Única; no da manifestação, por isso ilusório, de existência, suas partículas são vidas ígneas que vivem e têm seu ser às expensas de cada outra vida que consomem. Por isso eles são chamados Os Devoradores... Toda coisa visível neste universo foi feita de tais vidas, desde o homem primordial consciente e divino, até os agentes inconscientes que constróem a matéria... Da Vida Única, informe e incriada, procede o universo de vidas (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 269).

Assim como neste universo, também no homem, e em todas as vidas incontáveis, toda esta vitalidade construtiva, tudo isso é resumido pelo Teosofista como Prâna.

PRINCÍPIO IV

O Corpo de Desejo

Estudando nosso homem atingimos agora o princípio algumas vezes descrito como a alma animal, no linguajar Teosófico Kâma Rûpa, ou o corpo de desejo. Ele pertence, em constituição, ao segundo plano, o astral, e nele atua. Ele inclui todo o corpo de apetites, paixões, emoções e desejos, que se juntam, em nossa classificação psicológica ocidental, sob o nome de instintos, sensações, sentimentos e emoções, e são tratados como uma subdivisão da mente.

Na psicologia ocidental a mente é dividida – pela escola moderna – em três regiões principais: sentimentos, vontade, intelecto. Os sentimentos são divididos de novo em sensações e emoções, e estas são divididas e subdivididas em numerosas classes. Kâma, ou desejo, inclui todo o grupo de “sentimentos”, e poderia ser descrito como nossa natureza passional e emocional.

Todas as necessidades animais, como a fome, a sede, o desejo sexual, reúnem-se aqui; todas as paixões, como o amor (em seu sentido inferior), o ódio, a inveja, o ciúme. É o desejo por experiência senciente, por experiência de alegrias materiais – “a luxúria da carne, a luxúria dos olhos, o orgulho da vida”.

Este princípio é o mais material em nossa natureza, é o único que nos ata pesadamente à vida terrena. “Não é matéria constituída molecularmente, pelo menos não como o corpo humano, o Sthûla Shârira, isto é, o mais grosseiro de todos nossos ‘princípios’, mas na verdade é o princípio médio, o verdadeiro centro animal; daí ser nosso corpo apenas sua concha, o fator e meio irresponsáveis através dos quais a besta em nós tem toda sua vida” (*Dout. Sec.*, vol. I, pp. 280-81).

Unido à parte inferior de Manas, a mente, como Kâma-Manas, se torna a inteligência cerebral humana normal, e este seu aspecto será considerado brevemente. Tomado em si mesmo, constitui o bruto em nós, o “macaco e o tigre” de Tennyson, a força que mais provoca nossa ligação à terra e sufoca em nós todas as mais altas aspirações pelas ilusões dos sentidos.

Kâma unido a Prâna é, como vimos, o “sopro da vida”, o princípio vital senciente difundido em cada partícula do corpo. É, portanto, a sede da sensação, é aquilo que possibilita aos órgãos de sensação funcionarem. Já assinalamos que os órgãos físicos dos sentidos, os instrumentos corpóreos que entram em contato imediato com o mundo externo, estão diretamente relacionados aos órgãos de sensação no duplo etérico (vide ant., p. 14).

Mas estes órgãos seriam incapazes de funcionar se Prâna não os fizesse vibrar em atividade, e suas vibrações permaneceriam apenas vibrações, movimento no plano material do corpo físico, se Kâma, o princípio de sensação, não traduzisse a vibração em sentimento. Na verdade, o sentimento é a consciência no plano Kâmico, e quando um homem está sob o domínio de uma sensação ou uma paixão, o Teosofista diz que ele está no plano Kâmico, significando com isso que sua consciência está funcionando naquele plano.

Por exemplo, uma árvore pode refletir os raios da luz, isto é, vibrações etéricas, e estas vibrações atingindo o olho externo estabelecerão vibrações nas células nervosas físicas; estas serão propagadas como vibrações aos centros físico e astral, mas não haverá visão da árvore até que a sede da sensação seja alcançada, e Kâma nos possibilite perceber.

A matéria do plano astral – incluindo aquela chamada de essência elemental – é o material de que é composto o corpo de desejo, e são as propriedades peculiares desta matéria que a habilitam para servir como o invólucro no qual o Eu pode ganhar experiência da sensação (Falar da constituição da essência elemental nos levaria longe demais para um tratado básico).

O corpo de desejo, ou corpo astral, como é freqüentemente chamado, tem a forma de uma mera massa nevoenta durante os primeiros estágios de evolução, e é incapaz de servir como um veículo independente de consciência. Durante o sono profundo ele escapa do corpo físico, mas permanece perto dele, e a mente em seu interior está quase tão desperta quanto o corpo. Contudo, ele está sujeito a ser afetado por forças do plano astral similares à sua constituição, o que dá origem a sonhos de um tipo sensorial.

Em um homem de desenvolvimento intelectual mediano o corpo de desejo já se tornou mais altamente organizado, e quando separado do corpo físico é visto assemelhando-se à sua forma e características; mesmo então, entretanto, não é consciente de seu entorno no plano astral, mas encapsula a mente como uma concha, dentro da qual a

mente pode funcionar ativamente, embora ainda não capaz de usá-lo como um veículo independente de consciência.

Só no homem altamente desenvolvido o corpo de desejo se torna inteiramente organizado e vitalizado, um veículo de consciência no plano astral tanto quanto o corpo físico o é no plano físico.

Após a morte, a parte superior do homem permanece por um tempo no corpo de desejo, e a duração de sua estadia depende da comparativamente grosseria ou delicadeza de seus constituintes. Quando o homem escapa dele, ele ainda persiste por algum tempo como uma “concha” e quando a entidade defunta é de um tipo baixo, e durante a vida terrena possuía uma mentalidade restrita à natureza passional, alguns de seus restos se fundem com a concha.

Ela então possui uma consciência de ordem muito inferior, tem astúcia bruta, não possui consciência – uma entidade totalmente deplorável, freqüentemente descrita como um “fantasma”. Paire a esmo, atraída a todos os lugares em que os desejos animais são encorajados e satisfeitos, e é colhida nas correntes daqueles cujas paixões animais são fortes e irrefreadas.

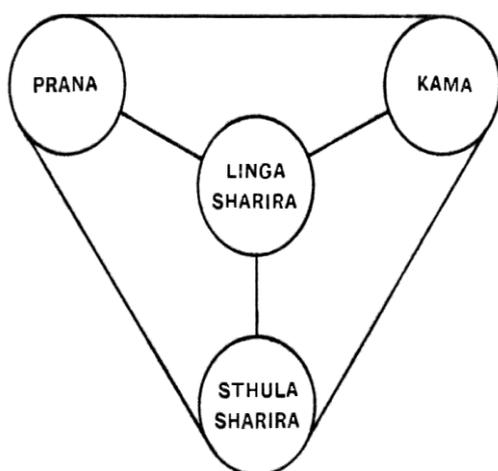
Médiuns de um tipo inferior inevitavelmente atraem estes visitantes eminentemente indesejáveis, cuja vitalidade decadente é reforçada em suas salas de sessão, que apanham reflexos astrais, e assumem o papel de “espíritos desencarnados” de uma ordem inferior. E isso não é tudo; se em tal sessão houver presente algum homem ou mulher de desenvolvimento igualmente baixo, o fantasma será atraído para aquela pessoa, e pode ligar-se a ele ou ela, e assim pode estabelecer correntes entre o corpo de desejo da pessoa viva e o corpo de desejo moribundo da pessoa morta, gerando resultados do tipo mais deplorável.

A persistência maior ou menor do corpo de desejo como uma concha ou fantasma depende do maior ou menor desenvolvimento da natureza animal ou passional na personalidade em extinção. Se durante a vida terrena a natureza animal foi alimentada e permitiu-se-lhe que corresse livre, se as partes intelectual e espiritual do homem foram negligenciadas ou sufocadas, então, como as correntes foram dispostas fortemente na direção da paixão, o corpo de desejo persistirá por um longo período depois de o corpo da pessoa morrer.

Ou ainda, se a vida terrena foi cortada subitamente por acidente ou por suicídio, o elo entre Kâma e Prâna não será facilmente rompido, e o corpo de desejo estará fortemente vivificado. Se, por outro lado, o desejo foi conquistado e governado durante a vida terrena, se foi purificado e treinado na subserviência da natureza humana superior, então haverá apenas pouco para energizar o corpo de desejo e ele rapidamente se desintegrará e dissolverá.

Permanece um outro fato, terrível em suas possibilidades, que pode afetar o quarto princípio, mas não pode ser entendido claramente até que o quinto princípio tiver sido estudado.

O QUATERNÁRIO Ou Os Quatro Princípios Inferiores



(Diagrama do Quaternário; transitório e mortal; vide *Dout. Sec.*, vol. I, p. 262. O duplo etérico aqui é chamado Linga Sharira, um nome agora descartado em conseqüência da confusão causada pelo emprego de um termo filosófico hindu bem conhecido de um modo inteiramente novo. Antes de sua partida H.P.B. instou seus pupilos a reformarem a terminologia, que tem sido reunida por demais descuidadamente, e estamos tentando cumprir seu desejo).

Estudamos assim o homem quanto à sua natureza inferior, e atingimos o ponto em sua senda evolutiva em que ele é acompanhado pelo bruto. O quaternário, considerado isoladamente, antes de ser afetado pelo contato com a mente, é meramente um animal inferior; ele espera a chegada da mente para tornar-se homem.

A Teosofia ensina que através de idades passadas o homem foi construído só lentamente, etapa por etapa, princípio por princípio, até que constituiu-se como um quaternário, vigiado pelo Espírito mas não em contato com ele, à espera daquela mente que sozinha poderia habilitá-lo a progredir mais, e entrar em união consciente com o Espírito, cumprindo assim o verdadeiro objetivo de sua existência.

Esta evolução eônica, em sua lenta progressão, é acelerada através da evolução pessoal de cada ser humano; cada princípio evoluiu sucessivamente no curso das eras no homem na terra, aparecendo como parte da constituição de cada homem no ponto de evolução alcançado em cada momento dado, permanecendo latentes os demais princípios, esperando sua manifestação gradual.

A evolução do quaternário, até atingir o ponto em que progresso ulterior seria impossível sem a mente, é descrita em eloqüentes sentenças nas estâncias arcaicas em que é baseada a Doutrina Secreta de H. P. Blavatsky (O alento é o Espírito para o qual o tabernáculo humano deve ser construído; o corpo grosseiro é o corpo físico denso; o espírito de vida é Prâna; o espelho de seu corpo é o duplo etérico; o veículo de desejos é Kâma):

“O Alento precisou de uma forma; os Pais a deram. O Alento precisou de um corpo grosseiro; a Terra o moldou; o Alento precisou do Espírito da Vida: os Lhas Solares o sopraram na sua forma. O Alento precisou de um Espelho de seu Corpo; ‘Nós lhe daremos o nosso’, disseram os Dhyânis. O Alento precisou de um Veículo de Desejos; ‘Já o tem’, disseram os Drenadores das Águas. Mas o Alento necessita de uma Mente para abarcar o Universo; ‘Não podemos dá-la’, disseram os Pais, ‘Jamais a tive’, disse o Espírito da Terra. ‘A forma seria consumida se eu lhe desse a minha’, disse o Grande Fogo... O homem permanecia um Bhûta (fantasma) vazio e inconsciente”.

Assim é o homem pessoal sem a mente. O quaternário sozinho não é o homem, o Pensador, e é como Pensador que o homem realmente é homem. Mas neste ponto deixemos o estudante descansar, e refletir sobre a constituição humana, até onde ele pôde chegar. Pois este quaternário é a parte mortal do homem, e é distinguida na Teosofia como a personalidade. Esta precisa ser compreendida muito clara e definidamente, se a constituição do homem há de ser entendida, e se o estudante for ler tratados mais avançados com inteligência.

Na verdade, para fazer a personalidade humana ela ainda tem de ser trazida sob os raios da mente, e ser iluminada por ela como o mundo o é pelos raios do sol. Mas mesmo sem estes raios já é uma entidade claramente definida, com seu corpo denso, seu duplo etérico, sua vida e seu corpo de desejo ou alma animal. Tem paixões, mas não razão; tem emoções, mas não intelecto; tem desejos, mas não vontade racionalizada; ela espera a vinda de seu monarca, a mente, o toque que a transformará em homem.

PRINCÍPIO V

Manas, o Pensador, ou a Mente

Chegamos à parte mais complicada de nosso estudo, e algum pensamento e atenção são necessários do leitor para que obtenha mesmo uma idéia elementar da relação mantida pelo quinto princípio com os outros princípios no homem.

A palavra Manas vem do Sânscrito *man*, a raiz do verbo pensar; é o Pensador em nós, do qual se fala vagamente no ocidente como mente. Pedirei ao leitor considerar Manas como o Pensador antes que como mente, porque a palavra Pensador sugere alguém que pensa, isto é, um indivíduo, uma entidade. E é exatamente esta a idéia Teosófica sobre Manas, pois Manas é o indivíduo imortal, o “Eu” real, que se veste repetidamente de personalidades transientes, mas ele perdura para sempre.

Ele é descrito na *Voz do Silêncio* na exortação endereçada ao candidato à iniciação: “Persevera como alguém que perdura para sempre. Tuas sombras (personalidades) vivem e se dissipam; aquilo que em ti viverá para sempre, aquilo que em ti conhece, pois é conhecimento, não é da vida passageira; é o homem que era, que é, e que será, para quem a hora nunca soará” (p. 31). H.P.Blavatsky o descreveu mui claramente na *Chave da Teosofia*: “Tente imaginar um ‘Espírito’, um ser celestial, seja chamado de um nome ou de outro, divino em sua natureza essencial, embora não puro o bastante para ser um com o TODO, e tendo, a fim de obter isso, que purificar sua natureza para finalmente alcançar aquela meta.

“Ele pode fazê-lo somente passando individual e pessoalmente, isto é, espiritual e fisicamente, através de todas as experiências que existem no universo múltiplo ou diferenciado. Tem, portanto, depois de ter ganho tal experiência nos reinos inferiores, e tendo que ascender mais alto e ainda mais alto com cada degrau na escada do ser, que passar através de todas as experiências nos planos humanos.

“Em sua vera essência é Pensamento, e é, portanto, chamado em sua pluralidade de Mânasaputra, ‘os Filhos da Mente (universal)’. Este ‘Pensamento’ individualizado é o que os Teosofistas chamam de o verdadeiro Ego humano, a entidade pensante aprisionada em uma caixa de carne e ossos. Ele é seguramente uma entidade espiritual, não é matéria (isto é, não matéria como a conhecemos, no plano do universo objetivo) – e tais entidades são os Egos encarnantes que animam o agregado de matéria animal chamada humanidade, e cujos nomes são Manasa ou mentes” (*A Chave da Teosofia*, pp. 183-184 da ed. inglesa).

Esta idéia pode ser tornada ainda mais clara talvez com uma rápida olhada na evolução do homem no passado. Quando o quaternário havia sido lentamente desenvolvido, era uma boa casa sem um dono, e estava vazia esperando a vinda daquele que havia de residir lá.

O nome Mânasaputra (os filhos da mente) cobre muitos graus de inteligência, desde os poderosos “Filhos da Chama” cuja evolução humana já ficou muito para trás, até aquelas entidades que obtiveram a individualização no ciclo precedente ao nosso, e estavam prontas para se encarnar nesta terra a fim de completar sua etapa humana de evolução.

Algumas inteligências super-humanas encarnaram como guias e instrutores de nossa humanidade infante, e se tornaram fundadores e regentes divinos de antigas civilizações. Grande número das entidades mencionadas acima, que já haviam desenvolvido algumas faculdades mentais, fizeram sua morada no quaternário humano, no homem sem mente. Estas eram os Mânasaputra reencarnantes, que se tornaram proprietários das molduras humanas já então evoluídas na terra, e estes mesmos Mânasaputras, reencarnando era após era, são os Egos Reencarnantes, o Manas em nós, o indivíduo perdurável, o quinto princípio no homem.

Através das idades sucessivas o restante da humanidade recebeu do mais alto Mânasaputra sua primeira faísca de mente, um raio que estimulou ao crescimento o germe da mente latente dentro de si, tendo assim a alma humana ali seu nascimento no tempo. São estas diferenças de idade, como podemos dizer, no início da vida individual, da especialização do Espírito Divino eterno em uma alma humana, que explicam as enormes diferenças na capacidade mental encontrada em nossa humanidade atual.

A multiplicidade de nomes dados a este quinto princípio provavelmente tendeu a aumentar a confusão em seu redor nas mentes dos muitos que estão começando a estudar Teosofia.

Mânasaputra é o que chamamos o nome histórico, o nome que sugere a entrada na humanidade de uma classe de almas já individualizadas em certo ponto da evolução; Manas é o nome comum, descritivo da natureza intelectual do princípio; o Indivíduo ou “Eu”, ou Ego, lembra o fato de que este princípio é permanente, não morre, é o princípio individualizante, separando-se em pensamento de tudo o que não é ele

mesmo, o Sujeito oposto ao Objeto, na terminologia ocidental; o Ego Superior o coloca em contraste com o ego pessoal, do qual logo diremos algo.

O Ego Reencarnante enfatiza o fato de que é o princípio que reencarna continuamente, e assim une em sua própria experiência todas as vidas passadas na Terra. Há vários outros nomes, mas estes não serão encontrados em tratados elementares.

Estes de acima são os nomes mais freqüentemente encontrados, e não há nenhuma dificuldade real a seu respeito, mas quando são usados intercambiavelmente, sem explicação, o infeliz estudante é capaz de arrancar seus cabelos de aflição, espantando-se com quantos princípios ele possui, e com que relação eles guardam entre si.

Devemos agora considerar Manas durante uma única encarnação, que servirá como protótipo para todas, e começaremos quando o Ego foi atraído – por causas estabelecidas antes em vidas terrenas prévias – à família em que há de nascer o ser humano que servirá como seu próximo tabernáculo (Não trato aqui da reencarnação, uma vez que esta grande e essencialíssima doutrina da Teosofia deve ser exposta em separado).

O Pensador, então, espera a construção da “casa da vida” que ele vai ocupar; e agora surge uma dificuldade; sendo ele mesmo uma entidade espiritual vivendo no plano mental, ou terceiro de baixo para cima, um plano muito mais elevado do que o do universo, não pode influenciar as moléculas de matéria grosseira de que é feita sua moradia pela ação direta, sobre elas, de suas partículas muito mais sutis.

Deste modo, ele projeta parte de sua própria substância, que se reveste de matéria astral, e então, com a ajuda da matéria etérica, penetra todo o sistema nervoso da criança ainda não-nascida, para formar, à medida que o aparato físico amadurece, o princípio pensante no homem. Esta projeção de Manas, dita seu reflexo, sua sombra, seu raio, e de muitos outros nomes descritivos e alegóricos, é o Manas inferior, em contraste com o Manas superior – sendo Manas, durante cada período de encarnação, dual.

Sobre isto, diz H.P.Blavatsky: “Uma vez aprisionado, ou encarnado, sua essência (o Manas) se torna dual; quer dizer, os raios da Mente divina eterna, considerados como entidades individuais, assumem um atributo duplo que são (a) suas mentes essenciais, inerentes, características, anelantes pelo céu (Manas superior), e (b) a qualidade humana de pensamento, ou cogitação animal, racionalizada devido à capacidade superior do cérebro humano, o Manas que tende a Kâma, ou Manas inferior” (*A Chave da Teosofia*, p. 184).

Agora devemos voltar nossa atenção a este Manas inferior somente, e ver que parte ele tem na constituição humana.

Ele está mergulhado no quaternário, e podemos considerá-lo como segurando Kâma com uma mão, enquanto que com a outra segura em seu pai, o Manas superior. Se há de ser completamente arrastado para baixo por Kâma e separado da Tríade à qual por sua natureza pertence, ou se irá triunfante carregar de volta à sua fonte as experiências purificadas de sua vida terrestre – é o problema vital apresentado e resolvido em cada encarnação sucessiva.

Durante a vida terrena, Kâma e o Manas inferior estão unidos, e são amiúde chamados convenientemente de Kâma-Manas. Kâma supre, como vimos, os elementos animais e passionais; o Manas inferior os racionaliza, e acrescenta as faculdades intelectuais; de modo que temos a mente cerebral, a inteligência cerebral, isto é, Kâma-Manas funcionando no cérebro e no sistema nervoso, usando o aparato físico como seu órgão no plano material.

No homem estes dois princípios estão interligados durante toda a vida, e raramente agem separados, mas o estudante deve perceber que “Kâma-Manas” não é um princípio novo, mas o entrelaçamento do quarto com a parte inferior do quinto.

Assim como com uma chama podemos acender um pavio, e a cor da chama do pavio que arde dependerá da natureza do pavio e do líquido em que estiver embebido, igualmente em cada ser humano a chama de Manas acende o cérebro e o pavio Kâmico, e a cor da luz deste pavio dependerá da natureza Kâmica e do desenvolvimento do aparato cerebral.

Se a natureza Kâmica for forte e indisciplinada, poluirá a pura luz Manásica, emprestando-lhe uma tonalidade opaca e sujando-a com desagradável fumaça. Se o aparato cerebral for imperfeito ou subdesenvolvido, embotará a luz e impedirá sua radiação para o exterior.

Como foi claramente assertado por H.P.Blavatsky em seu artigo *Gênio*: “O que chamamos ‘as manifestações do gênio’ em uma pessoa são somente os esforços mais ou menos bem sucedidos do Ego de impor-se sobre o plano externo à sua forma objetiva – o homem de barro – na vida diária factual deste último.

Os Egos de um Newton, um Ésquilo ou um Shakespeare são da mesma essência e substância do que os Egos de um parvo, um ignorante, um louco, ou mesmo um idiota; e a auto-afirmação de seus gênios animantes depende da construção psicológica e material do homem físico. Nenhum Ego difere de outro em sua essência e natureza primordial e original.

O que faz de um mortal um grande homem e de outro uma pessoa vulgar e estúpida é, como se disse, a qualidade e constituição do invólucro ou moldura física, e a adequação ou não do cérebro e corpo em transmitir e dar expressão à luz do homem interno real; e esta aptidão ou inépcia é, por sua vez, o resultado do Karma.

“Ou, para usarmos outro paralelo, o homem físico é o instrumento musical, e o Ego é o artista que o toca. A potencialidade de perfeita melodia de som está no primeiro – o instrumento – e nenhuma habilidade do último pode despertar uma harmonia impecável a partir de um instrumento quebrado ou malfeito.

“Esta harmonia depende da fidelidade de transmissão, por palavra ou ato, ao plano objetivo, do pensamento divino impronunciado nas verdadeiras profundezas da natureza interna ou subjetiva do homem. O homem físico pode – para seguir o exemplo – ser um Stradivarius inestimável, ou uma rabeca barata e rota, ou também uma média entre os dois extremos, nas mãos do Paganini que o anima” (*Lucifer*, novembro de 1889, p. 229).

Tendo em mente estas limitações e idiosincrasias (limitações e idiosincrasias devidas à ação do Ego em vidas terrenas anteriores, seja bem lembrado) impostas sobre as manifestações do princípio pensante pelo órgão através do qual ele tem de funcionar, teremos pouca dificuldade em acompanhar a atuação do Manas inferior no homem; a habilidade mental, a força, finura e sutileza intelectuais – tudo isso são suas manifestações; elas podem chegar até onde o que é chamado gênio, de que H.P.Blavatsky fala como “um gênio artificial, o florescimento da cultura e da agudeza puramente intelectual”. Sua natureza freqüentemente é demonstrada pela presença de elementos Kâmicos nele, de paixão, vaidade e arrogância.

O Manas superior apenas raramente pode manifestar-se no presente estágio da evolução humana. Ocasionalmente um clarão daquelas regiões mais altas ilumina a penumbra em que vivemos, e só tais clarões é o que o Teosofista chama de gênio verdadeiro; “Vêde em toda manifestação de gênio, quando combinada com a virtude, a inegável presença do exilado celeste, o Ego divino cuja gaiola és, oh homem de matéria”.

Pois a Teosofia ensina “que a presença no homem de vários poderes criativos” – chamados gênio em sua coletividade – é devida não a um acaso cego, nem a qualidades inatas através de tendências hereditárias – embora aquilo que é conhecido como atavismo possa freqüentemente intensificar estas faculdades – mas a uma acumulação de experiências individuais antecedentes do Ego em sua vida ou vidas anteriores.

Pois a onisciência em sua essência e natureza ainda requer a experiência, através de suas personalidades, das coisas da Terra, terrenamente no plano objetivo, a fim de aplicar a fruição daquela experiência abstrata a elas. E, acrescenta nossa filósofa, o cultivo de certas aptidões através de uma longa série de encarnações passadas deve culminar finalmente, em uma ou outra vida, em uma florada como gênio, em uma ou outra direção” (*Lucifer*, novembro de 1889, pp. 229-30). Pois para a manifestação do gênio verdadeiro, pureza de vida é uma condição essencial.

Kâma-Manas é o eu pessoal do homem; já vimos que o quaternário, como um todo, é a personalidade, a “sombra”, e o Manas inferior dá o toque individualizante que faz a personalidade reconhecer-se como “eu”. Torna-se intelectual, reconhece-se como separada de todos os outros eus; iludida pela separação que sente, não percebe uma unidade além de tudo que é capaz de sentir.

E o Manas inferior, atraído pela vividez das impressões da vida material, empolgado pelo borbulhar das emoções, paixões e desejos Kâmicos, atraído pelas coisas materiais, cego e surdo pelas vozes tempestuosas por entre as quais é mergulhado – o Manas inferior é capaz de esquecer a glória pura e serena de seu lugar de origem, e jogar-se na turbulência que lhe dá arroubos em vez de paz.

E, seja lembrado, é este Manas bem inferior que concede o derradeiro toque de deleite aos sentidos e à natureza material; pois o que é a paixão que não pode nem antecipar nem lembrar, onde está o êxtase sem a força sutil da imaginação, as delicadas cores da fantasia e do sonho?

Mas pode haver cadeias ainda mais fortes e restritivas, atando o Manas inferior pesadamente à Terra. Elas são forjadas de ambição, de desejo por fama, seja por aquela do poder do homem de estado, ou da suprema realização intelectual. Enquanto qualquer trabalho for executado por causa do amor, do aplauso, ou mesmo do reconhecimento de que o trabalho é “meu” e não de outrem; enquanto permanecer nas câmaras mais remotas do coração algum sutilíssimo anelo de ser reconhecido como separado de todos; enquanto isso durar, por mais grandiosa que seja a ambição, por mais vasta a caridade, por mais excelsa a conquista, Manas estará manchado de Kâma, e não será puro como sua fonte.

O MANAS EM ATIVIDADE

Já vimos que o quinto princípio é dual em seu aspecto durante cada período de vida terrena, e que o Manas inferior unido a Kâma, dito por conveniência Kâma-Manas, atua no cérebro e sistema nervoso do homem. Precisamos levar nossa investigação um pouco mais além a fim de distinguir com clareza entre as atividades do Manas superior e do inferior, de modo que a ação na mente do homem possa ser menos obscura para nós do que é a muitos atualmente.

Assim, as células do cérebro e sistema nervoso (como todas as outras células) são compostas de partículas ínfimas de matéria, chamadas moléculas (literalmente, “pequenos amontoados”). Estas moléculas não tocam umas nas outras, mas são mantidas juntas por aquela manifestação da Vida Eterna que chamamos de atração. Não estando em contato entre si, são capazes de vibrar para cá e para lá se postas em movimento, e, realmente, estão em um estado de vibração contínua.

H.P.Blavatsky assinala (*Lucifer*, outubro de 1890, pp. 92-3) que o movimento molecular é a forma mais inferior e material da Vida Eterna Única. Ela própria é movimento como “Grande Alento”, e é fonte de todo movimento em todos os planos do universo. No Sânscrito, as raízes dos termos para espírito, respiração, ser e movimento são essencialmente a mesma, Râma Prâsad diz que “todas estas raízes têm por sua origem o som produzido pela respiração dos animais” – o som da expiração e inspiração.

Assim, a mente inferior, ou Kâma-Manas, atua nas moléculas das células nervosas através de movimento, e as coloca em vibração, despertando a consciência mental no

plano físico. O Manas em si não poderia afetar estas moléculas. Mas seu raio, o Manas inferior, tendo-se revestido de matéria astral e se unido aos elementos Kâmicos, é capaz de colocar as moléculas físicas em movimento, dando assim origem à “consciência cerebral”, incluindo a memória cerebral e todas as outras funções da mente humana, como a conhecemos em sua atividade usual.

Estas manifestações, “como todos os outros fenômenos no plano material... devem ser relacionadas em última análise ao mundo da vibração”, diz H.P. Blavatsky. Mas, adianta ela, “em sua origem elas pertencem a um mundo diferente e mais elevado de harmonia”. Sua origem está na essência Manásica, no raio; mas no plano material, agindo sobre as moléculas materiais do cérebro, são traduzidas como vibrações.

Esta ação do Kâma-Manas é dita pelos Teosofistas como sendo psíquica. Todas as atividades mentais e passionais são devidas a esta energia psíquica, e suas manifestações são necessariamente condicionadas pelo aparato físico através do qual ela age. Já vimos isso largamente explanado e as bases da asserção agora ficarão óbvias.

Se a constituição molecular do cérebro for boa, e se a atuação dos órgãos especificamente Kâmicos (fígado, baço, etc.) for saudável e pura – de modo a não prejudicar a constituição molecular dos nervos que os colocam em comunicação com o cérebro – então o alento psíquico, ao passar através do instrumento, desperta nesta verdadeira harpa eólica melodias harmoniosas e refinadas; enquanto que se a constituição molecular for grosseira ou pobre, se for desordenada pelas emanções do álcool, se o sangue for envenenado pela vida grosseira ou excessos sexuais, as cordas da harpa eólica se tornam frouxas ou tensas demais, cobertas de sujeira ou abaladas pelo uso rude, e quando o alento psíquico passa por elas, permanecem mudas ou produzem notas asperamente dissonantes, não porque o alento esteja ausente, mas porque as cordas estão em mau estado.

Agora, imagino, será entendido claramente que o que chamamos de mente, ou intelecto, é, nas palavras de H.P. Blavatsky, “um reflexo pálido e excessivas vezes distorcido” do próprio Manas, ou nosso quinto princípio; Kâma-Manas é “o intelecto racional, mas terreno ou físico, do homem, encerrado na e limitado pela matéria, e portanto sujeito à sua influência”; é o “eu inferior, ou aquilo que se manifestando através de nosso sistema orgânico, agindo neste plano de ilusão, imagina-se o *Ego sum*, e cai destarte no que a filosofia Budista estigmatiza como a “heresia da separatividade”. É a personalidade humana, de onde procede “na melhor das hipóteses a sabedoria psíquica, ou seja, a ‘sabedoria terrena’, uma vez que é influenciada por todos os estímulos caóticos das paixões humanas ou antes animais do corpo vivente” (*Lucifer*, outubro de 1890, p. 179).

Um entendimento claro do fato de que Kâma-Manas pertence à personalidade humana, que funciona no e através do cérebro físico, que age nas moléculas do cérebro, pondo-as em vibração, facilitará muito a compreensão da doutrina da reencarnação pelo estudante.

Este grande tópico será tratado em outro volume desta série, e não me proponho a demorar-me nele aqui mais do que para lembrar ao estudante que aperceba-se cuidadosamente do fato de que o Manas inferior é um raio do Pensador imortal, iluminando a personalidade, e que todas as funções que são trazidas à atividade na consciência cerebral são funções correlacionadas ao cérebro particular, à personalidade particular, onde ocorrem.

As moléculas cerebrais que são postas a vibrar são órgãos materiais no homem de carne; elas não existiam como moléculas cerebrais antes de sua concepção, nem persistirão como tais depois de sua desintegração. Sua atividade funcional é limitada pelos limites de sua vida pessoal, a vida do corpo, a vida da personalidade transitória.

Assim, a faculdade que chamamos de memória no plano físico depende da resposta destas mesmas moléculas cerebrais ao impulso do Manas inferior, e não existe elo

algum entre os cérebros das personalidades sucessivas exceto através do Manas superior, que envia seu raio para animá-las e iluminá-las sucessivamente.

Segue-se, então, inevitavelmente, que a menos que a consciência do homem possa erguer-se dos planos físico e Kâma-Manásico até o plano do Manas superior, nenhuma memória de uma personalidade pode passar para outra. A memória da personalidade pertence à parte transitória da complexa natureza humana, e só podem recuperar a memória de suas vidas passadas aqueles que podem elevar suas consciências até o plano do Pensador imortal, e podem, por assim dizer, viajar conscientemente para cima e para baixo no raio que é a ponte entre o homem pessoal que perece e o homem imortal que perdura.

Se, enquanto encarcerados na carne humana, pudermos elevar nossa consciência ao logo do raio que conecta nosso eu inferior com o Eu real, atingindo assim o Manas superior, encontraremos armazenada lá na memória daquele Ego eterno o conjunto inteiro de nossas vidas passadas na Terra, e poderemos trazer estes registros de volta à nossa memória cerebral através do mesmo raio através do qual podemos subir até o nosso "Pai".

Mas esta é uma conquista que pertence a uma etapa posterior da evolução humana, e até que seja atingida as personalidades sucessivas animadas pelo raio Manásico ficam separadas umas das outras, e nenhuma memória transpõe o hiato intermédio. O fato é óbvio o bastante para qualquer um que medite sobre o assunto, mas como a diferença entre a personalidade e a individualidade imortal é um tanto desconhecida no ocidente, pode ser bom remover uma possível pedra de tropeço no caminho do estudante.

Deste modo, o Manas inferior pode fazer uma de três coisas: pode elevar-se até sua fonte, e por esforços incansáveis e estrênuos tornar-se uno com seu "Pai no céu", ou Manas superior – Manas não contaminado com elementos terrenos, imaculado e puro. Ou pode parcialmente aspirar e parcialmente tender para baixo, como de fato geralmente é o caso do homem comum. Ou, destino o mais triste de todos, pode se tornar tão entranhado nos elementos Kâmicos a ponto de se unificar a eles, e ser finalmente amputado de sua fonte e perecer.

Antes de considerarmos estes três destinos, há mais algumas palavras a serem ditas a respeito da atividade do Manas inferior.

Quando o Manas inferior liberta-se de Kâma, torna-se o soberano da parte inferior do homem, e manifesta mais e mais de sua natureza verdadeira e essencial. Em Kâma está o desejo, movido por necessidades corpóreas, e a Vontade, que é a energia derramada pelo Eu em Manas, freqüentemente é capturada pelos turbulentos impulsos físicos. Mas o Manas inferior, "sempre que desconecta-se de Kâma, durante este tempo, se torna o guia das mais altas faculdades mentais, e é órgão do livre arbítrio no homem físico" (*Lucifer*, outubro de 1890, p. 94).

Mas a condição desta liberdade é que Kâma seja subjugado, seja prostrado sob os pés do conquistador; se a donzela Vontade há de ser liberta, o São Jorge Manásico deve matar o dragão Kâmico que a mantém cativa; pois enquanto Kâma não for conquistado, o Desejo dominará a Vontade.

Então, à medida que Manas liberta-se de Kâma, torna-se mais e mais capaz de transmitir à personalidade humana com que está associado os impulsos que lhe chegam de sua fonte. É então, como vimos, que o gênio fulgura, a luz do Ego superior passando através do Manas inferior até o cérebro, e manifestando-se ao mundo. Assim também, como assinala Blavatsky, esta ação pode elevar um homem acima do nível normal do poder humano.

"O Ego superior", diz ela, "não pode agir diretamente no corpo, já que sua consciência pertence a um plano e planos muito diferentes de ideação; o eu inferior o pode; e sua ação e comportamento dependem de seu livre-arbítrio e da escolha se gravitará mais para sua origem (o 'Pai no céu') ou para o 'animal' que ele anima, o homem de carne. O Ego superior, como parte da essência da Mente Universal, é incondicionalmente

onisciente em seu próprio plano, mas só potencialmente em nossa esfera terrestre, uma vez que é obrigado a agir unicamente através de seu *alter ego*, o eu pessoal.

“Assim (...) o primeiro é o veículo de todo conhecimento do passado, do presente e do futuro, e (...) é desta fonte primeira que seu ‘duplo’ obtém vislumbres ocasionais do que está além dos sentidos do homem, e os transmite a certas células cerebrais (cujas funções são desconhecidas da ciência), fazendo assim do homem um vidente, um conhecedor do futuro e um profeta” (*Lucifer*, novembro de 1890, p. 179)

Esta é a vidência autêntica, e sobre ela devem ser ditas agora algumas palavras. Ela é, naturalmente, extremamente rara, e tão preciosa quanto rara. “Um reflexo pálido e distorcido” dela freqüentemente é encontrado no que é chamado de mediunidade, e sobre isso H.P.Blavatsky diz: “Então, o que é um médium? A palavra médium, quando não aplicada a coisas e objetos, supostamente é uma pessoa através de quem a ação de uma outra pessoa ou ser é ou manifesta ou transmitida.

“Os espíritas que acreditam na comunicação com espíritos desencarnados, e que estes podem se manifestar através, ou impressionar sensitivos para transmitirem mensagens suas, consideram a mediunidade uma bênção e um grande privilégio. Nós, Teosofistas, por outro lado, que não acreditamos em ‘comunhão de espíritos’ como o fazem os Espíritas, consideramos o dom como uma das mais perigosas das doenças nervosas anormais.

Um médium é simplesmente alguém em cujo Ego pessoal, ou mente terrestre, a porcentagem de luz astral prepondera tanto a ponto de impregnar toda sua constituição física. Todos os órgãos e células são sintonizados desta forma, por assim dizer, e sujeitos a uma tensão enorme e anormal” (*Lucifer*, novembro de 1890, p. 183).

Retornando aos três destinos mencionados antes, qualquer um deles pode suceder ao Manas inferior. Ele pode ascender à sua fonte e se tornar uno com o Pai no céu. Este triunfo somente pode ser conquistado através de muitas encarnações sucessivas, todas direcionadas conscientemente para esta finalidade. À medida que as vidas se sucedem, a moldura física se torna mais e mais delicadamente sintonizada a vibrações responsivas a impulsos Manásicos, de modo que gradualmente o raio Manásico precisa menos e menos da matéria astral mais grosseira como seu veículo.

“É parte da missão do raio Manásico livrar-se gradualmente do elemento cego enganador que, embora faça dele uma verdadeira entidade espiritual neste plano, também o traz ao contato tão estreito com a matéria a ponto de obnubilar inteiramente sua natureza divina e embotar suas intuições”. (*Lucifer*, novembro de 1880, p. 182)

Vida após vida ele se livra deste “elemento cego e enganador”, até que enfim, dominando Kâma, e com o corpo responsivo à mente, o raio se torna uno com sua fonte radiante, a natureza inferior é inteiramente afinada à superior, e o Adepto surge completo, tendo-se tornado, “o Pai e o Filho”, unos em todos os planos, assim como sempre foram “unos no céu”.

Para ele a roda das encarnações está terminada, o ciclo da necessidade foi percorrido. Daí para frente ele pode encarnar à vontade, para fazer algum serviço especial à humanidade; ou ele pode permanecer nos planos próximos à Terra sem o corpo físico, auxiliando na ulterior evolução do globo e da raça.

Ele pode em parte aspirar e em parte tender para baixo. Esta é a experiência normal do homem comum. Toda a vida é um campo de batalha, e as batalhas se travam na região do Manas inferior, onde Manas combate com Kâma pelo domínio sobre o homem. Quando a aspiração vence, as cadeias dos sentidos são quebradas, e o Manas inferior, com a radiância de sua origem em si, voa para cima com asas poderosas, desdenhando o solo terreno.

Mas, lástima!, as asas cedo se cansam, pendem, tremem, cessam de bater no ar; e cai o régio pássaro cujo reino verdadeiro é aquele do ar mais alto, e ele despenca pesadamente no lodaçal da Terra mais uma vez, e Kâma o acorrenta.

Quando termina o período de encarnação, e o portal da morte fecha a estrada da vida terrena, o que sucede ao Manas inferior no caso que estamos considerando?

Logo após a morte do corpo físico, Kâma-Manas é deixado livre, e permanece por um tempo no plano astral revestido de um corpo de matéria astral. Daí, tudo o que é puro e imaculado do raio Manásico gradualmente se desprende, e, depois de um longo período passado nos níveis inferiores do Devachan, volta à sua origem, carregando consigo o tanto das experiências da vida que forem de natureza passível de ser assimilada pelo Ego Superior.

O Manas então se torna uno mais uma vez, durante a última parte do período que há entre duas encarnações. O Ego Manásico, observado de cima por Âtmâ-Buddhi – os dois princípios mais elevados na constituição humana, ainda não considerados por nós – passa para o estado devachânico de consciência, repousando das canseiras da luta pela vida pelas quais passou.

As experiências da vida terrena recém encerrada são levadas para a consciência Manásica pelo raio inferior recolhido à sua fonte. Elas fazem do estado devachânico uma continuação da vida terrena, isenta porém de suas tristezas, uma completude dos anelos e desejos da vida terrena, até onde eles tiverem sido puros e nobres.

A poética frase “a mente cria seu próprio céu” é mais verdadeira do que muitos podem ter imaginado, pois em toda parte o homem é o que ele pensa, e no estado devachânico a mente não é obstruída pela matéria física densa através da qual opera no plano objetivo.

O período devachânico é o tempo para a assimilação das experiências vitais, da recuperação do equilíbrio, antes que uma nova jornada inicie. É o dia que sucede à noite da vida terrena, o oposto da manifestação objetiva. Também aqui existe periodicidade, assim como em tudo na natureza; fluxo e refluxo, trabalho e descanso, o ritmo da Vida Universal.

Este estado devachânico de consciência dura por um período de extensão variável, proporcional ao estágio evolutivo alcançado, sendo o Devachan do homem comum dito se estender por cerca de mil e quinhentos anos.

Enquanto isso, aquela porção da vestimenta impura do Manas inferior que permanece mesclada com Kâma dá ao corpo de desejo uma consciência algo confusa, uma recordação fragmentária dos eventos da vida recém terminada. Se as emoções e paixões foram fortes e o elemento Manásico fraco durante o período de encarnação, o corpo de desejo ficará fortemente energizado, e persistirá em sua atividade por um considerável período de tempo depois da morte do corpo físico.

Ele apresentará também uma considerável quantidade de consciência, o tanto do raio Manásico que tiver sido subjugado pelos vigorosos elementos Kâmicos e tiver ficado fundido a eles. Se, por outro lado, a vida terrena recém terminada foi caracterizada por mentalidade e pureza antes do que por paixão, o corpo de desejo, sendo só pobremente energizado, será um pálido simulacro da pessoa a quem pertenceu, e se dissipará, desintegrará e perecerá antes que transcorra um período longo.

O “fantasma” já mencionado agora será compreendido. Ele pode apresentar inteligência bem considerável, se o elemento Manásico ainda estiver largamente presente, e este será o caso do corpo de desejo de pessoas com forte natureza animal e pensamento vigoroso mas grosseiro.

Pois a inteligência atuando em uma personalidade Kâmica bastante poderosa será excessivamente forte e energético, embora não sutil e delicado, e o fantasma de tal pessoa, ainda mais vitalizado pelas correntes magnéticas de pessoas ainda vivendo no corpo, pode mostrar muita habilidade intelectual de um tipo inferior.

Mas um tal fantasma não possui consciência, é desprovido de bons impulsos, e tende à desintegração, e as comunicações com ele só podem agir para o mal, se as considerarmos como prolongando sua vitalidade pelas correntes que suga dos corpos e elementos Kâmicos dos vivos, ou exaurindo a vitalidade destas pessoas vivas e poluindo-as com conexões astrais de um tipo inteiramente indesejável.

Nem deveria ser esquecido que mesmo sem freqüentar absolutamente salas de sessão as pessoas vivas podem entrar em contato indesejável com estes fantasmas

Kâmicos. Como já mencionamos antes, eles são atraídos para lugares nos quais a parte animal do homem principalmente se reúne: bares, salões de jogo, bordéis – todos estes lugares estão cheios do pior magnetismo, são verdadeiros torvelinhos de correntes magnéticas do tipo mais impuro.

Eles atraem os fantasmas magneticamente, e eles se dirigem para estes vórtices psíquicos de tudo o que é terreno e sensual. Vivificados por correntes tão similares a eles mesmos, os corpos de desejo se tornam mais ativos e potentes; impregnados com as emanções de paixões e desejos que já não podem satisfazer fisicamente, suas correntes magnéticas reforçam as correntes semelhantes nas pessoas vivas, ação e reação continuamente se sucedendo, e as naturezas animais dos vivos se tornam mais potentes e menos controladas pela vontade à medida em que são influenciadas por estas forças do mundo Kâmico.

Kâma-loka (de kama, *lugar*, e daí *lugar de Kâma*) é um nome freqüentemente usado para designar aquele plano do mundo astral ao qual pertencem estes fantasmas, e dali partem correntes magnéticas de caráter venenoso, assim como de uma casa empestada fluem germes de doença que podem plantar raízes e crescer no solo afim de algum corpo físico pobremente vitalizado.

É muito possível que muitos digam, ao ler estas linhas, que a Teosofia é uma retomada das superstições medievais e conduzirão a terrores imaginários. A Teosofia explica as superstições medievais, e mostra os fatos naturais onde se fundamentavam e de onde hauriam sua vitalidade.

Se há outros planos na natureza além do físico, nenhuma quantidade de argumentação poderá se livrar deles e a crença na sua existência constantemente reaparecerá; mas o conhecimento lhes porá em seu lugar inteligível dentro da ordem universal, e prevenirá a superstição através de um acurado entendimento de sua natureza, e das leis sob as quais funcionam.

E seja lembrado que pessoas cuja consciência normalmente está no plano físico podem proteger-se de influências indesejáveis mantendo suas mentes limpas e sua vontade forte. Nós nos protegemos melhor contra a doença mantendo nossos corpos numa saúde vigorosa; não podemos nos guardar contra germes invisíveis, mas podemos evitar que nossos corpos se tornem solo propício para o crescimento e desenvolvimento dos germes.

Nem nos lançaremos deliberadamente no rumo da infecção. O mesmo também a respeito destes germes malignos do plano astral. Podemos prevenir a formação de solo Kâma-Manásico em que poderiam germinar e desenvolver-se, e não precisamos entrar em lugares nefastos, nem encorajar deliberadamente a receptividade e tendências mediúnicas. Uma vontade forte e ativa e um coração puro são nossa melhor proteção.

Permanece a terceira possibilidade para Kâma-Manas, à qual devemos agora voltar nossa atenção, o destino dito antes como sendo “terrível em suas conseqüências, que pode suceder ao princípio Kâmico”. *Ele pode romper com sua fonte tornado um com Kâma em vez de com o Manas superior*. Afortunadamente este é um evento raro, tão raro num dos pólos da vida humana quanto a completa reunião com o Manas superior, no outro. Mas a possibilidade permanece e deve ser apresentada.

A personalidade pode ser tão fortemente controlada por Kâma que, na luta entre os elementos Kâmicos e Manásicos, a vitória pode ficar inteira com os primeiros. O Manas inferior pode se tornar tão escravizado que sua essência pode ser fragilizada e esmaecida cada vez mais, pelo atrito e tensão constante, até que então a persistente condescendência para com as instâncias do desejo produz seu inevitável fruto, e o delgado fio que une o Manas superior ao inferior, o “cordão de prata que o une ao Mestre”, parte-se em dois.

Então, durante a vida terrena, o quaternário é excluído da Tríade ao qual estava ligado, e a natureza superior é completamente separada da inferior. O ser humano é partido em dois, o bruto conseguiu libertar-se, e prossegue desgovernado, arrastando

consigo os reflexos daquela luz Manásica que deveriam ter sido o seu guia através do deserto da vida.

Ele é um bruto mais perigoso que seus companheiros do mundo animal subdesenvolvido, exatamente por causa destes fragmentos nele da mentalidade superior do homem. Um tal ser, humano na forma mas bruto na natureza, humano na aparência mas sem verdade humana, ou amor, ou justiça – um tal ser pode aqui e ali ser encontrado entre as multidões de pessoas, putrescente mas ainda vivo, uma coisa para deplorar-se com a mais profunda, embora desesperançada, compaixão. Qual é seu destino depois que os sinos fúnebres foram ouvidos?

Em última análise, ocorre o perecimento da personalidade que desta forma separou-se dos princípios que só eles poderiam dar-lhe imortalidade. Mas ainda resta adiante um período de persistência. O corpo de desejo de um ser destes é uma entidade de terrível potência, e tem a peculiaridade única de ser capaz, em certas circunstâncias raras, de reencarnar no mundo dos homens.

Não é um mero “fantasma” no rumo da desintegração; ele retém, misturado em seus torvelinhos, demasiado elemento Manásico para permitir a dissipação natural no espaço. Ele é uma entidade independente o suficiente - sombria em vez de radiante, com a chama Manásica corrompida em vez de purificante – para ser capaz de tomar para si uma veste de carne mais uma vez e viver como homem entre os homens.

Um homem assim – se o termo pode realmente ser aplicado a uma mera casca humana com interior bruto – passa por um período de vida terrena como o inimigo natural de todos que ainda são normais em sua humanidade. Sem nenhum instinto além dos do animal, levado somente pela paixão, jamais pela emoção, com uma astúcia com que nenhum bruto pode rivalizar, uma maldade deliberada que planeja males desconhecidos aos meros impulsos francamente naturais do mundo animal, a entidade reencarnada beira a maldade ideal.

A página da história humana possui imundícies assim; os monstros da iniquidade que nos assombram causando sempre um grito de espanto: “Isto é um ser humano?” Afundando cada vez mais com cada encarnação sucessiva, a força maligna eventualmente se esvai, e uma tal personalidade perece separada da fonte da vida.

Enfim se desintegra, para ser retrabalhada em outras formas de coisas vivas, mas como existência separada, está perdida. É um pedaço arrancado da corrente da vida, e o Ego imortal que encarnou naquela personalidade perdeu a experiência daquela encarnação, não recolheu fruto algum daquela semente vital. Seu raio não trouxe nada de volta, seu trabalho de vida naquele nascimento foi um total e completo fracasso, e por isso não fica nada para ser tecido na tapeçaria de seu Eu eterno

FORMAS MAIS SUTIS DOS PRINCÍPIOS QUARTO E QUINTO

O estudante já terá percebido integralmente que um “corpo astral” é um termo vago que pode abranger uma variedade de formas diferentes. Pode ser bom neste estágio resumir as formas mais sutis às vezes chamadas imprecisamente de astral que pertencem aos princípios quarto e quinto.

Durante a vida um corpo astral verdadeiro pode ser projetado – formado, como seu nome implica, de matéria astral – mas, ao contrário do duplo etérico, é dotado de inteligência, e capaz de viajar a uma distância considerável do corpo físico ao qual ele pertence. Este é o corpo de desejo, e é, como já vimos, um veículo de consciência. Ele é projetado por médiuns em sensitivos de modo inconsciente, e por estudantes treinados, conscientemente.

Ele pode viajar á velocidade do pensamento até um lugar distante, pode conseguir lá impressões de objetos circundantes, pode trazer de volta estas impressões ao corpo físico. No caso de um médium, pode transmitir-las a outros por meio do corpo físico durante o transe, mas como regra, quando o sensitivo sai do transe, o cérebro não retém as impressões assim feitas nele, e na memória não fica nenhum traço das experiências assim adquiridas.

Algumas vezes, mas é raro, o corpo de desejo é suficientemente capaz de afetar o cérebro pela vibração que ali imprime, a ponto de deixar uma impressão duradoura nele, e então o sensitivo é capaz de recordar o conhecimento adquirido durante o transe. O estudante aprende a impressionar o seu cérebro com o conhecimento ganho no corpo de desejo, estando sua vontade ativa enquanto que a do médium está passiva.

Este corpo de desejo é o agente inconsciente usado por clarividentes quando sua visão não é meramente o ver na luz astral. Esta forma astral então viaja de fato a lugares distantes, e pode aparecer lá a pessoas que são sensitivas ou que naquele momento estejam por acaso em um estado nervoso anormal.

Às vezes ele lhes aparece – quando animado fracamente pela consciência – como uma forma vagamente delineada, que não percebe seu entorno. Um corpo destes tem aparecido perto da hora da morte em lugares distantes da pessoa moribunda, àqueles que foram intimamente unidos ao moribundo por laços de sangue, de afeição, ou de ódio. Estando mais altamente energizado, demonstrará inteligência e emoção, como em alguns casos registrados, nos quais mães à morte visitaram seus filhos que moravam longe, e em seus últimos momentos disseram o que viram e fizeram.

O corpo de desejo também é liberado em muitos casos de doença – assim como o duplo etérico – assim como no sono e no transe. A inatividade do corpo físico é uma condição para tais viagens astrais. Parece que o corpo de desejo também ocasionalmente surge em sessões, dando origem a alguns dos fenômenos mais intelectuais que acontecem.

Não deve ser confundido com o “fantasma” já suficientemente familiar ao leitor, sendo este último sempre os restos Kâmicos ou Kâma-Manásicos de alguma pessoa morta, enquanto que o corpo de que estamos tratando agora é a projeção de um duplo astral de uma pessoa viva.

Uma forma mais elevada de corpo sutil, pertencendo ao Manas, é conhecido como Mâyâvi Rûpa, ou “corpo de ilusão”. O Mâyâvi Rûpa é um corpo sutil formado pela vontade conscientemente dirigida do Adepto ou discípulo; ele pode, ou não, se assemelhar ao corpo físico, sendo a forma que lhe é dada a mais adequada para o propósito para o qual é projetado.

Neste corpo está a plena consciência, pois ele é meramente o corpo mental rearranjado. O Adepto ou discípulo pode assim viajar à vontade, sem o fardo do corpo físico, em pleno exercício de cada faculdade, em perfeita autoconsciência. Ele torna o Mâyâvi Rûpa visível ou invisível à vontade – no plano físico – e a frase freqüentemente usada por discípulos aceitos e outros sobre verem um Adepto “em seu astral”, significa que eles foram visitados por ele em seu Mâyâvi Rûpa.

Se ele escolher assim, pode fazê-lo indistinguível de um corpo físico, quente e firme ao toque tanto quanto é visível, capaz de manter uma conversação, em todos os sentidos como um ser humano físico. Mas o poder para formar um verdadeiro Mâyâvi Rûpa está confinado a Adeptos e discípulos aceitos; não pode ser feito pelo estudante destreinado, por mais psíquico ele possa ser naturalmente, pois ele é uma criação Manásica e não psíquica, e é só sob a instrução de seu Guru que o discípulo aprende a formar e usar o “corpo de ilusão”.

O MANAS SUPERIOR

O próprio Pensador imortal, como a esta altura já terá ficado claro para o leitor, pode manifestar-se apenas pouco no plano físico no presente estágio da evolução humana. Embora sejamos capazes de captar alguns relances dos poderes nele residentes, principalmente encontramos estes poderes “estreitados, engavetados e confinados” no Manas inferior, mas ainda existindo.

Assim, vimos que o Manas inferior “é o órgão do livre-arbítrio no homem físico”. O livre-arbítrio reside no próprio Manas, no Manas que é o representante de Mahat, a

Mente Universal. Do Manas vem o sentimento de liberdade, o conhecimento de que podemos nos governar – verdadeiramente o conhecimento de que a natureza superior em nós pode reger a inferior, por mais que possa esta natureza inferior rebelar-se ou lutar.

Uma vez nossa consciência identifique-se com Manas em vez de com Kâma, a natureza inferior se torna o animal que cavalgamos, e já não é o “Eu”. Todos os seus desvarios, suas lutas, suas disputas pelo predomínio ficam, pois, fora de nós, e não dentro, e o governamos e conduzimos como se domássemos um ginete bravo e o submetêssemos à nossa vontade.

Sobre esta questão do livre-arbítrio arrisco citar de um artigo meu que apareceu em *Path*: “Só a vontade incondicionada pode ser absolutamente livre: o incondicionado e o absoluto são a mesma coisa: tudo o que é condicionado deve, por força deste condicionamento, ser relativo e portanto parcialmente limitado. À medida que aquela vontade faz evoluir o universo, torna-se condicionada pelas leis de sua própria manifestação.

As entidades Manásicas são diferenciações daquela vontade, cada uma condicionada pela natureza de sua potência manifesta, mas, enquanto é condicionada fora, ainda é livre dentro de sua própria esfera de atividade, sendo assim a imagem, em seu próprio mundo, da vontade universal no universo. Mas à medida que esta vontade, agindo em cada plano sucessivo, cristaliza-se mais e mais densamente como matéria, a manifestação é condicionada pelo material em que trabalha, enquanto que, relativamente ao material, ela própria é livre.

Assim em cada estágio a liberdade interna aparece em consciência, embora a investigação mostre que aquela vontade trabalha dentro dos limites do plano de manifestação em que está atuando, livre para trabalhar sobre o inferior, embora limitada no que toca à manifestação pela irresponsividade do inferior para com o seu impulso. Assim o Manas superior, em quem reside o livre-arbítrio, até onde está envolvido o quaternário – sendo a prole de Mahat, o terceiro Logos, o Verbo, isto é, a Vontade em manifestação – é limitado em sua manifestação em nossa natureza inferior pela indolência da resposta da personalidade aos seus impulsos.

No próprio Manas inferior – estando imerso naquela personalidade – reside a vontade a que estamos acostumados, arrastada pelas paixões, pelos apetites, pelos desejos, pelas impressões que vêm de fora, mas é capaz de afirmar-se entre tudo isso, por virtude de sua natureza essencial, una com aquele Ego superior de que é o raio.

Ele é livre no que diz respeito a tudo abaixo de si, é capaz de agir sobre Kâma e sobre o corpo físico, embora muito de sua plena expressão possa ser distorcida e impedida pela rudeza do material em que está trabalhando. Fosse a vontade um simples fruto do corpo físico, dos desejos e paixões, quando poderia emergir o senso do “Eu” que é capaz de julgar, de desejar, e de vencer?

Ele age a partir de um plano superior, é régio quando toca o inferior e reivindica sua realeza de nascença, e a própria luta de sua auto-afirmação é o melhor testemunho do fato de que em sua natureza ele é livre. E assim, passando aos planos inferiores, encontramos em cada grau esta liberdade do superior ao reger o inferior, mesmo que no plano do inferior seja limitada em sua manifestação.

Revertendo o processo e partindo de baixo, a mesma verdade se torna manifesta. Se os membros de um homem são presos com correntes, a crua matéria férrea impedirá a manifestação da força nervosa e muscular que os membros possuem; não obstante a força está presente, embora limitada em sua atividade no momento. Sua força pode se mostrar nos próprios esforços para romper as cadeias que os prendem: não existe no ferro o poder de impedir o livre extravasamento de energia muscular, embora o fenômeno da movimentação possa ser tolhido.

Mas mesmo esta energia não podendo ser governada pela natureza física inferior abaixo, seu dispêndio é determinado pelo princípio Kâmico; as paixões e desejos podem desencadeá-la, podem dirigi-la e controlá-la. A energia nervosa e muscular não

pode governar as paixões e desejos, elas são livres neste ponto, ela é determinada pelo seu intermédio.

Mas ainda assim Kâma pode ser dirigido, controlado e determinado pela vontade; no toque [de Manas em Kâma] o princípio Manásico é limitado, e não é livre, e daí o senso de liberdade no escolher qual desejo será gratificado, qual ato executado. Quando o Manas inferior rege Kâma, o quaternário inferior assume sua posição adequada de subserviência à tríade superior, e é regido por uma vontade que reconhece como superior a si mesmo, uma vontade que é livre.

Aqui em muitas mentes surgirá uma pergunta: “E sobre a vontade do Manas superior; ela é por sua vez determinada pelo que há acima dele, enquanto ele é livre em tudo o que está abaixo?” Mas chegamos a um ponto onde o intelecto nos falha, e onde a linguagem não pode com facilidade transmitir o que o Espírito sente naqueles domínios mais elevados.

Só vagamente podemos sentir que lá, como em toda parte, “a liberdade mais verdadeira deve estar em harmonia com a lei, e que a aceitação voluntária da função de agir como um canal para a Vontade Universal deve unir numa só coisa a perfeita liberdade e a perfeita obediência”.

Este é um problema verdadeiramente obscuro e difícil, mas o estudante encontrará muita luz descendo nele se acompanhar as linhas de pensamento assim traçadas.

Um outro poder residente no Manas superior e que é manifesto nos planos inferiores naqueles em que o Manas superior conscientemente prevalece, é o da criação de formas pela vontade. A Doutrina Secreta diz: “Kriyashakti”. O misterioso poder de pensamento que o capacita para produzir resultados fenomênicos externos, perceptíveis, por virtude de sua própria energia inerente. Os antigos sustentavam que qualquer idéia se manifestará externamente se a atenção de alguém concentrar-se profundamente nela.

“Similarmente, uma volição intensa será seguida pelos resultados desejados” (vol. I, p. 312). Aqui jaz o segredo da verdadeira “magia”, e como o assunto é importante, e a ciência ocidental está começando a tocar em suas beiras, uma seção separada mais adiante será devotada à sua consideração, a fim de não romper a seqüência dada aqui sobre os princípios.

Novamente aprendemos de H.P.Blavatsky que o Manas, ou o Ego superior, como “parte da essência da Mente Universal, é incondicionalmente onisciente em seu próprio plano”, quando ele desenvolveu completamente a autoconsciência através de suas experiências evolucionárias, e “é o veículo para todo o conhecimento do passado e do presente, e do futuro”.

Quando esta entidade imortal é capaz de impressionar o cérebro de um homem através de seu raio, o Manas inferior, este homem é um que manifesta qualidades anormais, é um gênio ou um vidente. As condições da vidência são dadas abaixo:

“O anterior [as visões do vidente real] pode ser obtido por um de dois meios: (a) na condição de paralisar à vontade a memória e a ação instintiva independente de todos os órgãos materiais e mesmo as células no corpo de carne, um ato que é fácil, uma vez tendo o Ego superior consumido e subjugado para sempre a natureza passional do ego pessoal inferior, mas requer [que a pessoa seja] um Adepto; (b) ser uma reencarnação de alguém que, em prévio nascimento, conseguiu através de extrema pureza de vida e esforços na direção correta atingir um estado quase Yogi de santidade.

Ainda há uma terceira possibilidade de atingir em visões místicas o plano do Manas superior; mas é somente ocasional, e não depende da vontade do vidente, mas da extrema fraqueza e exaustão do corpo material através da doença e sofrimento. A Vidente de Prévorst foi um exemplo deste último caso; e Jacob Boheme é da segunda categoria” (*Lucifer*, novembro de 1890, p. 183)

O leitor agora estará em posição de perceber a diferença entre as ações do Ego superior e as do seu raio. O gênio, que vê em vez de argumentar, é do Ego superior; a verdadeira intuição é uma de suas faculdades. A razão, a qualidade que pondera e

equilibra os fatos reunidos pela observação, os avalia um contra outro, os inquire, e retira conclusões deles – este é o exercício do Manas inferior através do aparato cerebral; seu instrumento é o raciocínio; por indução ascende do conhecido até o desconhecido, construindo uma hipótese; por dedução desce novamente ao conhecido, verificando sua hipótese através de experiência nova.

A intuição, como vemos por sua derivação, é simplesmente uma visão interior [*insight*, no original – NT] – um processo tão direto e rápido como a visão corporal. É o exercício dos olhos da inteligência, o reconhecimento infalível de uma verdade apresentada no plano mental. Ela vê com certeza, sua visão é desanuviada, seu relato não tem falhas. Nenhuma prova pode acrescentar à certeza de seu reconhecimento, pois está além a acima da razão.

Muitas vezes nossos instintos, cegos e confusos pelas paixões e desejos, são erroneamente chamados de intuições, e um mero impulso Kâmico é aceito como a sublime voz do Manas superior. É necessário um longo e cuidadoso autotreinamento antes que a voz possa ser reconhecida com certeza, mas de uma coisa podemos nos sentir bastante certos: enquanto estivermos no vórtex da personalidade, enquanto as tempestades dos desejos e apetites se insurgem ao nosso redor, enquanto as ondas da emoção nos jogam para cá e para lá, a voz do Manas superior não pode alcançar nossos ouvidos.

Não é no fogo nem no furacão, nem no trovão da tempestade que chega o mandato do Ego superior: somente quando lá tiver descido a calma de um silêncio é que ele pode ser sentido, somente quando o próprio ar estiver imóvel e a calma for profunda, somente quando o homem envolver sua face em um manto que bloqueie até mesmo o silêncio que procede da terra, só então ressoa a voz que é mais plácida que o silêncio, a voz do seu verdadeiro Eu.

Sobre isso escreveu H.P.Blavatsky em seu *Ísis sem Véu*: “Aliada à metade física da natureza humana está a razão, que o habilita a manter sua supremacia sobre os animais inferiores, e subjugar a natureza aos seus intentos. Aliada à sua parte espiritual está sua consciência, que servirá como sua guia infalível através do tumulto dos sentidos; pois a consciência é aquela percepção instantânea entre o certo e o errado que somente pode ser exercitada pelo espírito, o qual, sendo uma porção da sabedoria e pureza divinas, é absolutamente puro e sábio.

“Suas instâncias são independentes da razão, e somente podem se manifestar claramente quando desobstruídas das atrações mais baixas de nossa natureza dual. Sendo a razão uma faculdade de nosso cérebro físico, e sendo definida com justiça como aquela que deduz inferências a partir de premissas, e sendo inteiramente dependente da evidência de outros sentidos, não pode ser uma qualidade pertencente diretamente ao nosso espírito divino.

“Este último sabe – daí que todo o arrazoado, que implica em discussão e argumentação, torna-se inútil. Assim uma entidade que, se deve ser considerada uma emanção direta do eterno Espírito da sabedoria, tem de ser vista como possuidora dos mesmos atributos da essência do todo de que é parte.

“Portanto é com certo grau de lógica que os antigos Teurgos sustentavam que a parte racional da alma humana (espírito) jamais entra toda no corpo humano, mas apenas o ilumina mais ou menos através da alma irracional ou astral, que serve como um agente intermediário, ou meio, entre o espírito e o corpo.

“O homem que conquistou suficientemente a matéria a ponto de receber a luz direta de seu luminoso Augoeides, sente intuitivamente a verdade; ele não poderia errar em seu julgamento, não obstante todos os sofismas sugeridos pela razão fria, pois ele é iluminado. Daí a profecia, o vaticínio, e a assim chamada inspiração divina, são simplesmente efeitos desta iluminação de cima pelo nosso próprio espírito imortal” (vol. I, pp. 305-306).

Este Augoeides, de acordo com a crença dos Neo-Platônicos, e de acordo com os ensinamentos Teosóficos, “põe mais ou menos sua radiância no homem interno, a

alma astral” (vol I, p. 315), isto é, na terminologia agora aceita, na personalidade Kâma-Manásica ou ego inferior.

(Ao ler *Ísis sem Véu* o estudante tem de manter em mente o fato de que quando o livro foi escrito, a terminologia não estava de forma alguma fixada como o está agora; em *Ísis sem Véu* está a primeira tentativa moderna de traduzir para a linguagem ocidental as complicadas idéias orientais, e experiência ulterior tem demonstrado que muitos dos termos usados para abranger dois ou três conceitos podem com vantagem ser restritos a um, e assim tornando-o preciso. Deste modo “alma astral” deve ser entendido no sentido dado antes).

Somente quando este ego inferior se tornou puro de todo sopro de paixão, quando o Manas inferior se liberta de Kâma, é que “o resplandecente” pode impressioná-lo; H.P.Blavatsky diz como os iniciados encontram este Ego superior face a face. Tendo falado da trindade no homem, Âtmâ-Buddhi-Manas, ela prossegue: “É quando esta trindade, em antecipação da triunfante reunião final além dos portais da morte corpórea, se torna por poucos segundos uma unidade, é que é permitido ao candidato, no momento da iniciação, vislumbrar seu futuro eu.

“Assim lemos no *Desatir* persa sobre ‘o resplandecente’; nos filósofos iniciados gregos sobre o Augoeides – a autoluminosa ‘visão bendita residente na luz pura’; em Porfírio, que Plotino uniu-se ao seu ‘deus’ seis vezes durante sua vida, e assim por diante” (*Ísis sem Véu*, vol II, pp. 114-115).

Esta trindade feita unidade, então, é o “Cristo” de todos os místicos. Quando na iniciação final o candidato foi estendido no chão ou na pedra do altar e assim tipificou a crucificação da carne, ou da natureza inferior, e quando desta “morte” ele “ressuscita” como triunfante conquistador do pecado e da morte, então ele, no momento supremo, vê diante de si a gloriosa presença e se torna “uno com Cristo”, ele mesmo é o Cristo.

Daí em diante ele pode viver no corpo, mas este se tornou seu instrumento obediente; ele se uniu com seu Eu verdadeiro, e o Manas se tornou um com Âtmâ-Buddhi, e através da personalidade que ele habita assume seus plenos poderes e sua inteligência espiritual imortal. Enquanto estava lutando nas fadigas da natureza inferior, Cristo, o Ego espiritual, era diariamente crucificado nele; mas no pleno Adepto, Cristo surgiu triunfante, senhor de si mesmo e da natureza. A longa peregrinação do Manas está acabada, o ciclo da necessidade foi percorrido, a roda dos nascimentos cessa de girar, o Filho do homem se tornou perfeito pelo sofrimento.

Enquanto este ponto não for atingido, “o Cristo” é o objeto de aspiração. O raio está sempre lutando para voltar à sua fonte, o Manas inferior está sempre aspirando reunir-se ao superior. Enquanto esta dualidade persistir o contínuo anelo de reunião sentido pelas naturezas mais nobres e puras é um dos fatos mais salientes na vida interior, e é isto que se reveste como prece, inspiração, “busca por Deus”, desejo de união com o divino.

“Minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo”, grita o ávido Cristão, e dizer-lhe que este desejo intenso é uma fantasia e é fútil o faz afastar-se de você como alguém que não entende, mas cuja insensibilidade não altera o fato. O ocultista reconhece neste grito o inextinguível impulso para cima do eu inferior para o superior do qual está separado, mas cuja atração ele sente vivamente.

Reze a pessoa para Buda, para Vishnu, para Cristo, para a Virgem, para o Pai, não importa em absoluto; são questões de mero dialeto, e não do fato essencial. Em todos o Manas unido a Âtmâ-Buddhi é o objetivo real, velado sob quaisquer nomes que os tempos mutantes ou a raça puderem dar; daí a humanidade ideal e o “Deus pessoal”, o “Deus Homem” encontrado em todas as religiões, “Deus encarnado”, o “Verbo feito carne”, “o Cristo que deve nascer” em cada um, e com quem o crente deve se fazer um.

E isto nos leva aos últimos planos que nos dizem respeito, os planos do Espírito, usando esta palavra tão abusada como meramente o pólo oposto à matéria; aqui somente idéias muito gerais podem ser captadas por nós, mas é necessário pelo

menos tentar captar estas idéias se formos completar, por mais pobremente que seja, nossa concepção do homem.

PRINCÍPIOS VI E VII

Âtmâ-Buddhi, o Espírito

Completando o pensamento da última seção, olharemos primeiro para Âtmâ-Buddhi em sua conexão com Manas, e então passaremos a uma visão um pouco mais geral dele como a “Mônada”. A concepção melhor e mais clara da trindade humana, Âtmâ-Buddhi-Manas, será encontrada em *A Chave para a Teosofia*, na qual H.P.Blavatsky dá as seguintes definições:

“O EU SUPERIOR é Âtmâ, o inseparável raio do EU ÚNICO e Universal. É o Deus acima, mais do que dentro de nós. Feliz o homem que consegue saturar seu Ego interno com ele. O divino EGO ESPIRITUAL é a alma espiritual, ou Buddhi, em estreita união com Manas, o princípio mental, sem o qual não é um EGO de forma alguma, mas apenas o Veículo Âtmico.

“O EGO INTERIOR ou SUPERIOR é Manas, o assim chamado quinto princípio, independentemente de Buddhi. O princípio mental só é o Ego Espiritual quando imerso em e unificado com Buddhi... Ele é a individualidade permanente ou o Ego reencarnante”. (pp.175-176)

Âtmâ deve ser considerado então como a parte mais abstrata da natureza humana, o “alento” que precisa de um corpo para sua manifestação. Ele é a única realidade, que se manifesta em todos os planos, a essência do que todos os nossos princípios são apenas de aspectos.

A Existência Eterna única, de onde vêm todas as coisas, que encarna um de seus aspectos no universo, da qual falamos como sendo a Vida Única – esta Existência Eterna irradia-se como Âtmâ, o próprio Eu do universo e também do homem; seu núcleo mais interno, seu próprio coração, aquilo de que todas as coisas são herdeiras.

Em Si incapaz de manifestação direta nos planos inferiores, embora seja Aquilo sem o que nenhum dos planos inferiores poderia vir à existência, reveste-Se de Buddhi, como Seu veículo, ou meio para manifestação ulterior. “Buddhi é a faculdade de cognição, o canal através do qual o conhecimento divino chega ao Ego, é o discernimento do bem e do mal, também a consciência divina, e a Alma espiritual, que é o veículo de Âtmâ” (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 2).

Ele é freqüentemente chamado de o princípio do discernimento espiritual. Mas Âtmâ-Buddhi, um princípio universal, precisa individualizar-se antes que a experiência possa ser tida e a autoconsciência alcançada. Assim o princípio mental é unido a Âtmâ-Buddhi, e a trindade humana se completa. Manas se torna o Ego espiritual somente quando imerso em Buddhi; Buddhi se torna o Ego espiritual somente quando unido a Manas; na união dos dois jaz a evolução do Espírito, autoconsciente em todos os planos.

Daí Manas tende para Âtmâ-Buddhi, assim como o Manas inferior tende para o superior, e daí, em relação ao Manas superior, Âtmâ-Buddhi, ou Âtmâ, é freqüentemente chamado de “o Pai no Céu”, como o próprio Manas superior é ele mesmo descrito desta forma em relação ao inferior.

O Manas inferior ganha experiência para levá-la de volta à sua fonte; o Manas superior armazena o ganho através de todo o ciclo de reencarnação; Buddhi se funde com o Manas superior; e estes, penetrados pela luz Âtmica, una com aquele Eu Verdadeiro, a trindade se torna uma unidade, o Espírito fica autoconsciente em todos os planos, e o objetivo do universo manifesto é alcançado.

Mas nenhuma de minhas palavras pode presumir explicar ou descrever o que está além da explicação e além da descrição. As palavras podem apenas errar no que se refere a um tema destes, diminuindo-o e distorcendo-o. Somente por longa e paciente meditação o estudante pode esperar vagamente sentir algo maior que ele mesmo, embora algo que se move no mais fundo centro de seu ser.

Assim como ao olharmos firmemente para o pálido céu crepuscular, lá aparece depois de um momento, debilmente e muito distante, o suave brilho de uma estrela, assim ao olhar paciente da visão interior pode surgir o tênue raio da estrela espiritual, ainda que só como uma mera sugestão de um mundo muito remoto.

Só para uma pureza paciente e perseverante aquela luz surgirá, e bendito além de toda a bênção é aquele que vê seja apenas o mais pálido fulgir daquela radiância transcendente.

Com tais idéias a respeito do “Espírito”, será logo entendido o horror com que os Teosofistas fogem de atribuir os fenômenos triviais das sessões a “espíritos”. Tocando caixas de música, falando através de trompetes, batendo na cabeça das pessoas, carregando gaitas em torno da sala – estas coisas podem todas estar muito bem para entidades astrais, fantasmas e elementais, mas quem poderá atribuí-las a “espíritos” se tiver alguma concepção de Espírito digna deste nome?

Tal vulgarização e degradação do mais sublime dos conceitos já desenvolvidos pelo homem seguramente é motivo do mais profundo pesar, e pode-se esperar que muito logo estes fenômenos serão colocados em seu devido lugar, como evidência de que as visões materialistas do universo são inadequadas, em vez de serem exaltados a uma posição que não podem ocupar como provas do Espírito.

Nenhum fenômeno físico, nem intelectual, são provas da existência do Espírito. O Espírito só pode ser demonstrado para o espírito. Não se pode provar uma proposição de Euclides para um cão; não se pode provar Âtmâ-Buddhi para Kâma e para o Manas inferior. À medida que subirmos, nossa visão se ampliará, e quando estivermos no topo da Montanha Sagrada os planos do Espírito se estenderão diante de nossa visão aberta.

A MÔNADA EM EVOLUÇÃO

Talvez uma definição algo mais definida de Âtmâ-Buddhi possa ser obtida pelo estudante se ele considerar sua atuação na evolução como Mônada. Mas Âtmâ-Buddhi é idêntico com a Superalma universal, “ela mesma um aspecto da Raiz Desconhecida”, a Existência Única. Quando a manifestação inicia a Mônada é “arrojada para baixo na matéria”, para impulsionar para diante e forçar a evolução (vide a *Dout. Sec.*, vol. II, p.115); ela é a fonte primeira, por assim dizer, de toda a evolução, a força propulsora na base de todas as coisas.

Todos os princípios que estivemos estudando são meros “aspectos variadamente diferenciados” de Âtmâ, a Única Realidade manifestando-se em nosso universo; está em cada átomo, é “a raiz de todo átomo individualmente e de todas as formas coletivamente”, e todos os princípios são fundamentalmente Âtmâ nos diferentes planos.

As etapas de sua evolução são mui claramente apresentadas em *Cinco Anos de Teosofia*, p. 273 et seq. Lá nos é mostrado como ela passa através dos estágios denominados elementais, “centros nascentes de forças”, e chega ao estágio mineral; dali passa subindo através do vegetal, animal, até o homem, vivificando todas as formas.

Como se nos é ensinado na *Doutrina Secreta*: “Diz o bem conhecido aforismo Cabalístico:

“Uma pedra se torna uma planta; a planta, uma besta; a besta, um homem; o homem, um espírito; e o espírito, um deus”. A ‘centelha’ anima todos os reinos por sua vez antes que entre e anime o homem divino, entre o qual e seu predecessor, o homem animal, há toda a diferença do mundo... A Mônada... existe primeiro de tudo, lançada abaixo pela lei da evolução na mais inferior forma da matéria – o mineral.

“Depois de um ciclo sétuplo encerrada na pedra, ou aquilo que se tornará mineral e pedra na Quarta Ronda, sai dela, digamos, como um líquen. Passando adiante, através de todas as formas de matéria vegetal, para o que é chamado matéria animal, chega

agora ao ponto em que terá se tornado o germe, por assim dizer, do animal, que se tornará o homem físico” (vol I. pp. 266-267)

É a Mônada, Âtmâ-Buddhi, que vivifica assim cada parte e reino da natureza, fazendo tudo ser permeado de vida e consciência, um todo palpitante. “O ocultismo não reconhece nada inorgânico no cosmos. A expressão empregada pela ciência, ‘substância inorgânica’, significa simplesmente que a vida latente, dormitando nas moléculas da assim chamada ‘matéria inerte’, é irreconhecível.

Tudo é vida e cada átomo mesmo do pó mineral é uma vida, embora além de nossa compreensão e percepção, porque está fora do alcance das leis conhecidas dos que rejeitam o Ocultismo” (*Dout. Sec.* vol. I, pp. 268-269). E mais: “Tudo no universo, em todos os reinos, é consciente, isto é, dotado de uma consciência de seu próprio tipo e em seu próprio plano de percepção.

“Nós homens devemos lembrar que simplesmente porque não percebemos nenhum sinal de consciência que possamos reconhecer, digamos na pedra, não temos o direito de dizer que não existe nenhuma consciência ali. Não há esta coisa chamada matéria ‘morta’ ou ‘cega’, assim como não existe lei ‘cega’ ou ‘inconsciente’ “ (p. 295).

Quantos dos grandes poetas, com a sublime intuição do gênio, sentiram esta grande verdade! Para eles toda a natureza pulsa com vida; eles vêem vida e amor em toda parte, em sóis e planetas assim como nos grãos de pó, nas folhas esvoaçantes e nas flores que desabrocham, nos moscardos e nas serpentes que rastejam.

Cada forma manifesta tanto da Vida Única quanto é capaz de expressar, e o que é o homem para desprezar as manifestações mais limitadas, quando ele se compara, como uma expressão de vida, não com as formas abaixo de si, mas com as possibilidades de expressão que pairam acima dele em alturas infinitas de ser, que ele pode avaliar ainda menos do que a pedra pode avaliá-lo?

O estudante verá prontamente que devemos considerar esta força no centro da evolução como essencialmente única. Só há um Âtmâ-Buddhi no universo, a Alma universal, presente em todo lugar, imanente em tudo, a Única Energia Suprema da qual todas as várias energias ou forças são apenas formas diferentes.

Assim como o raio solar é luz ou calor ou eletricidade de acordo com seu ambiente condicionador, da mesma forma Âtmâ é toda energia, diferenciando-se em planos distintos. “Como uma abstração, nós o chamaremos de Vida Única; como uma realidade objetiva e evidente, falamos de uma escala de manifestação setenária, que começa na extremidade superior com a causalidade única incognoscível, e termina como Mente Onipresente e Vida imanente em cada átomo de matéria” (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 163)

Seu curso evolucionário está muito claramente delineado em uma citação dada na *Doutrina Secreta*, e como estudantes são freqüentemente confundidos a respeito desta unidade da Mônada, eu me associo a eles nesta declaração. O assunto é difícil, mas não poderia, imagino, ser melhor colocado do que nestas frases:

“Assim a essência Monádica ou cósmica (se nos permitirmos tal termo) no mineral, vegetal, e animal, embora a mesma em toda a série de ciclos desde o elemental mais inferior até o reino Dévico, só difere na escala de progressão.

“Seria muito enganoso imaginar uma Mônada como uma entidade separada trilhando seu lento caminho através dos reinos inferiores, e depois de incalculáveis séries de transformações florescer como um ser humano; em suma, que a Mônada de um Humboldt foi a Mônada de um átomo de silício.

“Em vez de dizermos ‘Mônada Mineral’, a fraseologia mais correta na ciência física, que diferencia cada átomo, a chamaria obviamente ‘a Mônada manifestando-se na forma de Prakriti chamada reino mineral’. O átomo, como representado na hipótese científica comum, não é uma partícula de algo, animada por algo psíquico, destinada depois de éons a florescer como um homem. Mas ele é uma manifestação concreta da energia universal que ainda não se tornou individualizada; uma manifestação seqüencial da Mônada universal única.

“O oceano de matéria não se divide em suas gotas potenciais e constituintes até que o impulso da vida atinge o estágio do nascimento humano. A tendência em direção à segregação em Mônadas individuais é gradual, e nos animais superiores quase chega no ponto. Os Peripatéticos aplicavam o termo Mônada ao conjunto do cosmos no sentido panteísta; e os ocultistas, ainda que aceitando este pensamento por amor à conveniência, distinguem os estágios progressivos da evolução da forma concreta a partir do abstrato com termos de que ‘Mônada mineral, vegetal, animal’ são exemplos. O termo meramente significa que a maré da evolução espiritual está passando por aquele arco de seu ciclo.

“A ‘Essência Monádica’ começa imperfeitamente a se diferenciar em direção à consciência individual no reino vegetal. Como as Mônadas não são coisas compósitas, como corretamente definiu Leibnitz, é a essência espiritual que as vivifica em seus graus de diferenciação o que propriamente constitui a Mônada – não a agregação atômica, que é só o veículo e a substância através dos quais se agitam os graus inferiores e superiores de inteligência”. (vol. I, p. 201)

O estudante que ler e ponderar esta passagem, a custo de um pequeno esforço presente, poupará a si mesmo muita confusão em dias futuros. Primeiro que perceba claramente que a Mônada – “a essência espiritual” à qual somente o termo Mônada deveria ser aplicado com precisão estrita – é uma só em todo o universo, que Âtmâ-Buddhi não é seu, nem meu, nem propriedade de ninguém em particular, mas sim é a essência espiritual energizante em tudo.

Da mesma forma a eletricidade é uma só em todo o mundo; embora possa estar ativa em sua máquina ou na minha, nem ele nem eu podemos chamá-la nossa eletricidade, particularmente. Mas – e aqui surge confusão – quando Âtmâ-Buddhi energiza-se num homem, em quem Manas está ativo como uma força individualizante, fala-se amiúde como se a “agregação atômica” fosse uma Mônada separada, e então temos “Mônadas”, como na passagem acima.

Esta maneira dúbia de usar o termo não levará ao erro se o estudante lembrar que o processo de individualização não está no plano espiritual, mas Âtmâ-Buddhi visto através de Manas parece compartilhar da individualidade deste último. Assim se você pegar na mão vários vidros coloridos pode ver através eles um sol vermelho, um sol azul, um sol amarelo, e assim por diante. Não obstante, só há um sol brilhando sobre você, alterado pelos meios pelos quais você o olha.

Quão freqüentemente nos deparamos com a frase “Mônadas humanas”; deveria ser “a Mônada se manifestando no reino humano”; mas esta precisão algo pedante provavelmente só confundiria um maior número de pessoas, e a frase popular mais imprecisa não confundirá se o princípio de unidade no plano espiritual for compreendido, não mais do que nos confundimos ao falar do ‘nascer’ do sol.

“A Mônada Espiritual é única, universal, ilimitada, e inteira, cujos raios, não obstante, formam o que, em nossa ignorância, chamamos as ‘Mônadas individuais’ dos homens” (*Dout. Sec.*, vol I, p. 200).

Muito bela e poeticamente esta unidade é descrita em um dos Catecismos Ocultos, onde o Guru questiona o discípulo:

“Levanta tua cabeça, oh Lanoo; vês uma ou incontáveis luzes acima de ti, incandescentes no escuro céu da meia-noite?

“Percebo só uma Chama, oh Gurudeva; vejo incontáveis centelhas não separadas ardendo nela”.

“Disseste bem. E agora olha em torno e dentro de ti mesmo. Aquela luz que brilha dentro de ti, tu a percebes diferente de alguma forma da luz que brilha em teus semelhantes?

“De modo algum ela é diferente, embora o prisioneiro seja mantido em amarras pelo Karma, e embora suas veste exteriores iludam o ignorante para que diga ‘tua alma’, e ‘minha alma’ “ (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 145).

Não deve haver agora nenhuma dificuldade séria em compreender os estágios da evolução humana; a Mônada, que tem percorrido seu caminho como vimos, chega no ponto em que a forma humana pode ser manifesta na terra; um corpo etérico e sua contraparte física então são desenvolvidos, Prâna se especializa a partir do grande oceano da vida, e Kâma é desenvolvido, todos estes princípios, o quaternário inferior, sendo vigiados pela Mônada, energizados por ela, impelidos por ela, forçados para a frente por ela em direção ao contínuo aperfeiçoamento da forma e da capacidade para manifestar as energias superiores na Natureza.

Este foi o homem animal, ou físico, que evolui através de duas Raças e meia. Mas a Mônada e o quaternário inferior não poderiam entrar em relação suficientemente estreita entre si; ainda faltava um elo. “O Dragão Dual [a Mônada] não tem domínio sobre a mera forma. É como a brisa que não encontra árvore ou ramagem para recebê-la e abrigá-la. Ela não pode afetar a forma quando não existe agente de transmissão, e a forma não a conhece” (*Dout. Sec.*, vol II., p. 60).

Então, no ponto médio recém alcançado, isto é, da Terceira Raça, os Mânasaputra inferiores passaram a habitar as moradias assim preparadas para eles, e a formar a ponte entre o homem animal e o Espírito, entre o quaternário evoluído e o vigilante Âtmâ-Buddhi, para iniciar o longo ciclo de reencarnação que deve culminar no homem perfeito.

O “influxo Monádico”, ou a evolução da Mônada, do animal até o reino humano, continuou durante a Terceira Raça até a metade da Quarta, continuamente a população recebendo assim novos recrutas, continuando deste modo o nascimento de almas durante a segunda metade da Terceira Raça e a primeira metade da Quarta.

Depois disso, do “ponto de inflexão” do ciclo de evolução, “mais nenhuma Mônada pode entrar no reino humano. A porta se fecha para este ciclo” (*Dout. Sec.*, vol. I, p. 205). Desde então a reencarnação tem sido o método de evolução, esta reencarnação individual do Pensador imortal em conjunção com Âtmâ-Buddhi substituindo a habitação coletiva de Âtmâ-Buddhi nas formas inferiores de matéria.

De acordo com os ensinamentos Teosóficos, a humanidade agora atingiu a Quinta Raça, e estamos já na quinta sub-raça, tendo diante de si a humanidade deste globo no presente estágio a complementação da Quinta Raça, e o surgimento, maturidade e queda da Sexta e Sétima Raças.

Mas durante todas as eras necessárias para esta evolução, não há aumento no número total de Egos reencarnantes; só um pequeno número deles estão encarnados sobre o globo em qualquer tempo dado, de modo que a população pode aumentar e diminuir dentro de limites muito amplos, e tem-se percebido que há uma explosão populacional depois de um despovoamento local causado por uma mortalidade fora do comum.

Há espaço de sobra para todas estas flutuações, tendo-se em vista a diferença entre o número total de Egos reencarnantes e o número de fato encarnado em um dado período.

CAMINHOS DE COMPROVAÇÃO PARA UM PESQUISADOR DESTREINADO

É natural e correto que qualquer pessoa pensante confrontada com asserções como estas apresentadas anteriormente deva perguntar que provas serão trazidas para fundamentar as proposições apresentadas. Uma pessoa razoável não solicitará provas plenas e completas acessíveis a todos sem estudo e sem esforço.

Ela admitirá que as teorias avançadas da ciência não podem ser demonstradas a alguém ignorante de seus princípios elementares, e ela estará preparada para ver que terá sido dito muito que só pode ser provado àqueles que fizeram algum progresso em seu estudo. Um ensaio sobre matemática superior, sobre a correlação de forças, sobre a teoria atômica, sobre a constituição molecular dos compostos químicos, conterà muitas apresentações de provas que só serão acessíveis àqueles que devotaram tempo e pensamento ao estudo dos elementos da ciência em questão.

Do mesmo modo uma pessoa despreconceituosa, confrontada com a visão Teosófica da constituição do homem, prontamente admitirá que não pode esperar uma demonstração completa antes que tenha dominado as bases da ciência Teosófica.

Não obstante há provas genéricas acessíveis em todas as ciências que são suficientes para justificar sua existência e encorajar o estudo de suas verdades mais recônditas; e na Teosofia é possível indicar caminhos de provas que podem ser seguidos pelo pesquisador destreinado, e que lhe justificam a devoção de tempo e esforço a um estudo que dá a promessa de um conhecimento mais amplo e profundo de si mesmo e da natureza externa do que de outra forma seria atingível.

É bom dizer de saída que não há prova alguma disponível ao pesquisador comum sobre a existência dos três planos superiores de que falamos. Os domínios do Espírito e da mente superior estão fechados a todos exceto àqueles que desenvolveram as faculdades necessárias à sua investigação.

Aqueles que desenvolveram estas faculdades não precisam de nenhuma prova da existência destes domínios; para os que não o fizeram, não pode ser dada nenhuma prova de sua existência. Que há algo acima do plano astral e dos níveis inferiores do mental pode de fato ser provado pelos fulgores do gênio, pelas elevadas intuições, que de tempos em tempos iluminam a escuridão de nosso mundo inferior.

Mas o que é este algo, só o podem dizer aqueles cujos olhos internos se abriram, que vêm onde a raça como um todo ainda é cega. Mas os planos inferiores são mais suscetíveis de serem provados, e novas provas se acumulam dia após dia. Os Mestres de Sabedoria estão usando os investigadores e pensadores do mundo ocidental para que façam "descobertas" que tendam a respaldar as colocações da posição Teosófica, e as linhas que eles estão seguindo são exatamente aquelas que são necessárias para descobrir-se as leis naturais que justificarão a asserções dos Teosofistas a respeito dos "poderes" e "fenômenos" elementares, aos quais tem sido dada uma importância exagerada.

Se for aceito que há fatos inegáveis que comprovam a existência de planos outros que não o físico nos quais pode atuar a consciência; que comprovam a existência de sentidos e poderes de percepção outros que não aqueles com que estamos acostumados na vida diária; que comprovam a existência de poderes de comunicação entre inteligências sem o uso de aparatos mecânicos, seguramente, sob estas circunstâncias, o Teosofista pode alegar que constituiu um caso *prima facie* para futuras investigações de suas doutrinas.

Confinemo-nos, então, aos planos inferiores de que falamos antes, e os quatro princípios inferiores no homem que estão relacionados a estes planos. Destes quatro, podemos deixar um de lado, o do Prâna, já que ninguém contestará o fato da existência de uma energia a que chamamos "vida"; a necessidade de isolá-lo com fins de estudo pode ser contestada, e em verdade o plano do Prâna, ou o princípio do Prâna, perpassa todos os outros planos, todos os outros princípios, interpenetrando a todos e unindo-os em um só.

Restam para nosso estudo o plano físico, o plano astral, os níveis inferiores do plano Manásico. Poderemos substituí-los por provas que sejam aceitas por aqueles que ainda não são Teosofistas?

Primeiro, sobre o plano físico. Temos aqui que perceber como os sentidos do homem estão relacionados com o universo físico externo a si, e como seu conhecimento deste universo é limitado pelo poder de seus órgãos de sentidos em vibrar em resposta às vibrações impostas de fora. Podemos ouvir quando o ar é posto em uma vibração em que o tímpano de nosso ouvido também o possa ser; se a vibração for tão lenta de modo que o tímpano não possa vibrar em resposta, a pessoa não ouvirá som algum.

Se a vibração for tão rápida de modo que o tímpano não possa vibrar em resposta, a pessoa não ouve nenhum som. Tão verdade é isso que o limite de audição em pessoas diferentes varia no poder de vibração dos tímpanos de seus respectivos ouvidos; uma

pessoa fica mergulhada no silêncio, enquanto que outra é ensurdecida pelo agudo trinado que está pondo em tumulto o ar em torno de ambas.

O mesmo princípio funciona para a visão; vemos até onde as ondas de luz sejam de comprimento a que possam responder nossos órgãos de visão; abaixo e além deste comprimento estamos nas trevas, por mais que o éter possa vibrar. A formiga pode ver onde somos cegos, porque seu olho pode receber e responder a vibrações etéricas mais rápidas do que podemos perceber.

Tudo isso sugere a qualquer pessoa pensante a idéia de que se nossos sentidos pudessem ser desenvolvidos para uma responsividade maior, novas avenidas de conhecimento seriam abertas mesmo no plano físico; compreendido isto, não será difícil dar um passo além, e conceber que sentidos mais agudos e sutis poderiam existir que desvendariam, por assim dizer, um novo universo em um plano outro que não o físico.

Assim, esta concepção é verdadeira, e com a evolução dos sentidos astrais o plano astral se descortina, e pode ser estudado tão realmente, tão cientificamente, quanto o pode ser o universo físico. Estes sentidos astrais existem em todos os homens, mas estão latentes na maioria, e geralmente precisam ser artificialmente forçados, se forem ser usados em nosso presente estágio de evolução. Em algumas poucas pessoas eles estão presentes de modo normal e se tornam ativos sem nenhum impulso artificial.

Em muitíssimas pessoas eles podem ser artificialmente despertados e desenvolvidos. A condição, em todos os casos, da atividade dos sentidos astrais é a passividade do físico, e quanto mais completa a passividade no plano físico, maior a possibilidade de atividade no astral.

É digno de nota que os psicólogos ocidentais tenham considerado necessário investigar o que é chamado de “consciência do sonho”, a fim de entender a atuação da consciência como um todo. É impossível ignorar os estranhos fenômenos que caracterizam a operação da consciência quando é tirada das limitações do plano físico, e alguns dos mais capazes e avançados de nossos psicólogos não pensam que estas operações sejam de forma alguma indignas da investigação mais cuidadosa e científica.

Todas estas operações estão, na linguagem Teosófica, no plano astral, e o estudante que buscar provas de que exista um plano astral pode encontrar aqui mais que o bastante. Ele descobrirá rápido que as leis sob que funciona a consciência no plano físico não existem no astral, isto é, as leis do espaço e do tempo, que são aqui as próprias condições do pensamento, não existem para a consciência quando sua atividade é transferida para o mundo astral.

Mozart ouviu toda uma sinfonia como uma impressão única, “como em um belo e poderoso sonho” (Du Prel, *Filosofy of Mysticism*, vol. I, p. 106), mas tem que desdobrá-la em sucessivos detalhes quando a traz de volta ao plano físico. O sonho do momento contém uma massa de eventos que tomaria anos para passar em sucessão em nosso mundo de espaço e tempo. O homem à beira da morte vê sua história de vida em poucos segundos. Mas não é preciso multiplicar exemplos.

O plano astral pode ser alcançado no sono ou em transe, natural ou induzido, isto é, em qualquer caso em que o corpo seja reduzido a uma condição de letargia. É em transe que ele pode melhor ser estudado, e aqui nosso pesquisador logo encontrará provas de que a consciência pode atuar à parte do organismo físico, desimpedida das leis que a bloqueiam enquanto opera no plano físico.

A clarividência e a clariaudiência estão entre os fenômenos mais interessantes que esperam investigação. Não é necessário dar aqui um grande número de casos de clarividência, pois suponho que o pesquisador tencione estudar por si mesmo. Mas posso mencionar o caso de Jane Rider, observado pelo Dr. Belden, seu médico atendente: uma garota que podia ler e escrever com os seus olhos cuidadosamente cobertos com vendas de tecido de algodão, cuja visão vinha a partir do meio de seu queixo. (*Ísis sem Véu*, vol. I, p. 37)

Ou o caso do clarividente observado por Schelling que anunciou a morte de um parente à distância de 150 léguas, e disse que a carta contendo a notícia da morte estava a caminho (ibid., vol. II, pp. 89-92); ou Madame Lagrandé, que diagnosticou o estado interno de sua mãe, dando uma descrição que provaria estar correta pelo exame *post-mortem* (Dr. Haddock, *Somnambulism and Psychism*, pp. 54-56); ou a sonâmbula do Dr. Haddock, Emma, que constantemente diagnosticava doenças para ele (ibid., cap. VII).

Falando de modo geral, o clarividente pode ver e descrever eventos que estão tendo lugar à distância, ou sob circunstâncias que tornam a visão física impossível. Como isto é feito? Os fatos estão além da controvérsia. Eles requerem explicação. Dizemos que a consciência pode operar através de sentidos outros que não o físico, sentidos desimpedidos das limitações de espaço que existem para nossos sentidos corpóreos e que não podem ser transcendidas por estes.

Aqueles que negam a possibilidade de tais operações no que chamamos de plano astral deveriam pelo menos tentar apresentar uma hipótese mais razoável do que a nossa. Fatos são coisas inatacáveis, e temos aqui uma massa de fatos provando a existência de atividade consciente em um plano supra-físico, como a visão sem olhos, audição sem ouvidos, obtenção de conhecimento sem o aparato físico. Na falta de qualquer outra explicação, a hipótese Teosófica mantém sua predominância.

Há uma outra classe de fatos: a de aparições etéricas ou astrais, seja de pessoas vivas ou mortas, espectros, aparições, duplos, fantasmas, etc, etc. É claro que a pessoa onisciente do final do século XIX suspiraria com desdém superior diante da menção de tais superstições tolas. Mas suspiros não anulam os fatos, e é uma questão de evidência.

O peso da evidência está enormemente do lado de tais aparições, e em todas as eras do mundo o testemunho humano tem autenticado sua realidade. O pesquisador que requerer as provas de que falei pode bem colocar-se a trabalhar para reunir evidência de primeira mão sobre este assunto. É claro que se ele tiver medo de ser ridicularizado seria melhor deixar o assunto em paz, mas se for robusto o bastante para enfrentar o ridículo da pessoa "superior" ele se assombrará com a evidência que reunir de pessoas que entraram elas mesmas em contato pessoal com formas astrais.

"Ilusões! Alucinações!" dirá a pessoa "superior". Mas interjeições não comprovam nada. As ilusões de que a vasta maioria da humanidade dá testemunho são pelo menos dignas de estudo, se ao testemunho humano for dado algum crédito. Deve haver algo que dá margem a esta unanimidade de testemunho em todas as épocas do mundo, testemunho que é encontrado hoje entre pessoas civilizadas, no meio de estradas de ferro e luzes elétricas, assim como entre raças bárbaras.

O testemunho de milhões de Espíritas sobre a realidade das formas etéricas e astrais não pode ser deixada fora de consideração. Quando todos os casos de fraude e impostura forem descontados permanecem fenômenos que não podem ser considerados fraudulentos, e que podem ser examinados por quaisquer pessoas que cuidarem de dar tempo e trabalho para investigar.

Não há necessidade alguma de empregar-se um médium profissional; uns poucos amigos bem conhecidos entre si podem levar a cabo sua investigação juntos; e não é demais dizer que meia dúzia de pessoas, com um pouco de paciência e perseverança, podem convencer-se da existência de forças e inteligências outras que não as do plano físico.

Há perigo, nesta pesquisa, para naturezas emotivas, nervosas e facilmente influenciáveis, e seria bom não levar a investigação muito longe, pelas razões dadas antes. Mas não há maneira mais rápida de quebrar a descrença na existência de algo além do plano físico do que tentar uns poucos experimentos, e vale a pena correr algum risco a fim de realizar esta quebra.

Estas são apenas sugestões sobre linhas que o pesquisador poderá seguir, de modo a convencer-se de que há um estado de consciência tal como o que rotulamos de

“astral”. Quando ele tiver coletado evidências suficientes para tornarem este estado provável para ele, será tempo de por-se no caminho do estudo sério.

Para uma investigação verdadeira do plano astral, o estudante deve desenvolver em si os sentidos necessários, e para tornar este conhecimento disponível enquanto ele estiver no corpo, ele deve aprender a transferir sua consciência ao plano astral sem perder contato com o organismo físico, de modo que possa imprimir no cérebro físico o conhecimento adquirido durante suas viagens astrais.

Mas para isso ele precisará ser não apenas um mero pesquisador, mas um estudante, e ele precisará da ajuda e orientação de um instrutor. Sobre encontrar este instrutor, “quando o discípulo estiver pronto o mestre sempre estará lá”. Provas adicionais da existência do plano astral, na época presente, são encontradas mais facilmente no estudo dos fenômenos mesméricos e hipnóticos. E aqui, antes de passarmos a eles, sou obrigada a dar uma palavra de advertência.

O uso do mesmerismo e do hipnotismo é rodeado de perigo. A publicidade que existe para todas as descobertas científicas do ocidente disseminou amplamente conhecimento que coloca ao alcance daqueles dispostos criminalmente poderes do mais terrível caráter, que podem ser usados com propósitos os mais daninhos.

Nenhum homem ou mulher bons usará estes poderes, se descobrir que os possui, exceto quando ele os usar puramente para serviço humano, sem fins pessoais em vista, e quando ele estiver bem seguro de que não estará por seu intermédio usurpando o controle sobre a vontade e ações de outro ser humano. Infelizmente o uso destas forças está tão aberto ao mau quanto ao bom, e podem ser, e estão sendo, usados para os fins mais nefastos.

Em vista destes novos perigos ameaçando indivíduos e sociedade, cada um faria melhor reforçando os hábitos de autocontrole e de concentração de pensamento e vontade, de modo a encorajar uma atitude mental positiva como oposta à negativa, e assim opondo uma resistência constante a todas as influências vindas de fora.

Nossos indolentes hábitos de pensamento, nossa falta de propósito nítido e consciente, deixam-nos abertos aos ataques dos hipnotizadores mal-intencionados, e que este é um perigo real e não fantasioso o tem sido provado por casos que levaram as vítimas para debaixo da lei criminal. Pode ser esperado que logo estas más práticas hipnóticas possam ser enquadradas no código penal.

Estando assim em atitude de cuidado e autodefesa, poderemos estudar embora com precaução as experiências tornadas públicas ao mundo, em nossa busca de provas preliminares da existência do plano astral. Pois aqui a ciência ocidental está na iminência de descobrir alguns dos “poderes” de que tanto tem falado os Teosofistas, e temos o direito de usar em justificação de nossos ensinamentos todos os fatos com que a ciência puder nos suprir.

Mas uma das mais importantes classes destes fatos é a dos pensamentos tornados visíveis como formas. Uma pessoa hipnotizada, depois de ser desperta do transe e estando aparentemente em posse normal de seus sentidos, pode ser feita ver quaisquer formas concebidas pelo hipnotizador. Nenhuma palavra precisa ser dita, nenhum toque feito; é suficiente que o hipnotizador imagine claramente para si mesmo alguma idéia, e aquela idéia se torna um objeto visível e tangível para a pessoa sob seu controle.

Este experimento pode ser tentado de várias maneiras; enquanto o paciente está em transe pode ser usada “sugestão”; isto é, o operador pode dizer-lhe que há uma ave em seu joelho, e quando despertar de seu transe ela verá o pássaro e tocará nele (Richet, *Études Cliniques sur la Grand Hystérie*, p. 645); ou que ele tem uma lâmpada entre suas mãos, e ao despertar ele pressionará suas mãos contra ela, sentindo a resistência no ar vazio (Binet & Féré, *Animal Magnetism*, p. 213).

Relatos destes experimentos podem ser lidos em Richet ou em Binet e Féré. Resultados similares podem ser obtidos sem “sugestão”, por pura concentração do pensamento; eu vi um paciente obrigado a retirar deste modo um anel do dedo de uma

pessoa, sem haver sido falada palavra ou feito qualquer toque entre o hipnotizador e o hipnotizado.

A literatura sobre mesmerismo e hipnotismo em inglês, francês e alemão agora já é muito extensa, e está aberta a qualquer um. Pode ser desejada a evidência desta criação de formas pelo pensamento e vontade, formas que, no plano astral, são reais e objetivas. O mesmerismo e o hipnotismo deixam a inteligência livre neste plano, e ela opera portanto sem o impedimento normalmente imposto pelo aparato físico; ela pode ver e ouvir naquele plano, e vê pensamentos como sendo coisas.

Aqui, também para estudo real, é necessário aprender como transferir a consciência mas retendo o domínio do organismo físico; mas para uma investigação preliminar será bastante estudar outros cuja consciência é artificialmente liberada sem sua própria vontade. Esta realidade das imagens de pensamento em um plano suprafísico é um fato da maior importância, especialmente no que toca à reencarnação; mas é suficiente aqui apontá-la como um dos fatos que vão demonstrar a probabilidade *prima facie* da existência de tal plano.

Uma outra classe de fatos que merece estudo é aquela que inclui o fenômeno da transmissão de pensamento, e aqui chegamos aos níveis inferiores do plano mental ou Manásico. O *Transactions of the Psychical Research Society* contém um vasto número de experiências interessantes sobre este tópico, e a possibilidade da transmissão de pensamento de cérebro a cérebro sem o uso de palavras, ou de qualquer outro meio de comunicação física comum, está à beira da aceitação geral.

E dois indivíduos, dotados de paciência, podem convencer a si mesmos desta possibilidade, se cuidarem de dedicar ao esforço tempo e perseverança suficientes. Deixemos que combinem em dedicar, digamos, dez minutos diários à sua experiência, e fixando o tempo, que cada um isole-se, evitando interrupções de qualquer tipo. Que um seja o projetor de pensamento, e o outro o receptor, e é seguro alternar estas posições, a fim de evitar o risco de um se tornar permanentemente anormalmente passivo.

Que o projetor de pensamento se concentre em um pensamento definido e na vontade de impressioná-lo em seu amigo; nenhuma idéia senão esta deve entrar em sua mente; seu pensamento deve ser concentrado em uma só coisa, unidirecionado [*one-pointed*, no original – NT], na linguagem plástica de Patanjali. O receptor do pensamento, por outro lado, deve deixar sua mente em branco, e deve meramente perceber os pensamentos que entram nela. Ele os deve anotar à medida em que aparecem, sendo o seu único cuidado o de permanecer passivo, para nada rejeitar, nem encorajar nada.

O projetor do pensamento, por sua vez, deveria manter um registro das idéias que tenta enviar, e ao fim de seis meses os dois registros serão comparados. A menos que as pessoas sejam anormalmente deficientes em pensamento e vontade, algum poder de comunicação àquela altura se terá estabelecido entre elas, e se forem ao menos sensitivas, provavelmente também deverão ter desenvolvido o poder de verem-se mutuamente na luz astral.

Pode ser objetado que um experimento como este seria cansativo e monótono. Concedo. Todas as investigações em primeira mão sobre as leis e forças naturais são cansativas e monótonas. Este é o porquê de quase todo mundo preferir conhecimento de segunda mão ao de primeira; a “sublime paciência do investigador” é um dos dons mais raros. Darwin era capaz de realizar um experimento aparentemente trivial centenas de vezes a fim de substanciar um pequeno fato.

Os domínios supra-sensoriais certamente não requerem para sua conquista menos paciência e menos esforço do que os sensoriais. A impaciência jamais conseguiu qualquer coisa na pesquisa da natureza, e o futuro estudante deve, desde o início, mostrar a perseverança incansável que pode morrer mas nunca relaxará em seu objetivo.

Finalmente, deixem-me aconselhar o pesquisador a manter seus olhos abertos para novas descobertas, especialmente nas ciências da eletricidade, física e química. Leia-

se o comunicado do Prof. Lodge à British Association em Cardiff no outono de 1891 e o comunicado do Prof. Crookes à Society of Electrical Engineers em Londres no novembro seguinte.

Ele encontrará ali férteis sugestões sobre as linhas em que a ciência ocidental está se preparando para avançar, e eventualmente ele sentirá que pode haver algo na declaração de H.P.Blavatsky de que os Mestres de Sabedoria estão se preparando para dar provas que respaldarão a Doutrina Secreta.

Os Sete Planos e os princípios ali funcionando:			
7	x		
6	x		
5	Âtmã	Espírito	Espiritual
4	Buddhi	Alma Espiritual	
3	Manas	Alma Humana	Mental
2	Kâma	Astral ou Corpo de Desejo	Astral
1	Prâna	Duplo Etérico – Corpo Físico Denso	Físico

Uma Outra Divisão de acordo com os Princípios			
7		Âtmã	Espiritual
6		Buddhi	
5		Manas Superior	Mental
4	Princípios intimamente inter-relacionados durante a vida terrena, algumas vezes chamado Plano Psíquico superior	Manas Inferior	
3		Kâma	Astral
2		Prâna – Duplo Etérico	Físico
1		Corpo Físico Denso	

Uma Outra Divisão também de acordo com os Princípios		
7	Âtma	Espiritual
6	Buddhi	
5	Manas	Mental
4	Kâma	Astral
3	Prâna	Físico
2	Duplo Etérico	
1	Corpo Físico Denso	

Estas duas últimas divisões são questão de conveniência na classificação. O primeiro diagrama dá os próprios planos assim como eles existem na natureza.

Envie uma correspondência para: contato_em_portugues@theosophical.ws

Este livro é uma publicação da
Canadian Theosophical Association
(uma associação regional da Sociedade Teosófica em Adyar, Índia)
902 - 10 Laurelcrest Street ,
Brampton, On. Canada L6S 5Y3
Fone: 905-455-7325
Fax: 905-455-76529385
e-mail: info@theosophical.ca
website: <http://www.theosophical.ca>

BRAZIL-1920 - [Member of the Inter-American Theosophical Federation]
Mr Ricardo Lindemann, Section General Secretary
Sociedade Teosofica no Brazil, SGAS Quadra 603, No.20
CEP 70200-630 Brasilia (DF), Brazil
Magazine: Theosophia
e-mail: theosofia@stb.org.br
<http://www.stb.org.br/>

PORTUGAL-1921 [Member of the European Federation of National Societies]
Mr.Licio Correia, Section General Secretary,
Sociedade Teosofica de Portugal,,
Rue Passos Manoel No. 20 cave, 1150-260 Lisboa, Portugal
Magazine: Osiris
e-mail: shakti@sapo.pt
<http://www.terravista.pt/enseada/6700/>

[De volta ao início \[Back to top\]](#)

[De volta ao índice de documentos \[Back to documents page\]](#)

[De volta à página principal \[Back to main page\]](#)

[Links para outros sites \[Links to other web sites\]](#)